

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
ANA FLÁVIA ARAÚJO DIAS**

**EU VOLTEI PARA CONTAR: UM CONTEXTO DE EXCEÇÃO NA OBRA
LIBERDADE PARA AS ESTRELAS, DE CLEONICE RAINHO**

Juiz de Fora
2019

ANA FLÁVIA ARAÚJO DIAS

**EU VOLTEI PARA CONTAR: UM CONTEXTO DE EXCEÇÃO NA OBRA
LIBERDADE PARA AS ESTRELAS, DE CLEONICE RAINHO**

Dissertação apresentada ao Mestrado de Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/ JF), área de concentração Literatura Brasileira, linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes.

Juiz de Fora
2019

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF

D541

Dias, Ana Flávia Araújo,

Eu voltei para contar: um contexto de exceção na obra Liberdade para as estrelas, de Cleonice Rainho/ Ana Flávia Araújo Dias, orientadora Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes.- Juiz de Fora: 2019.

102 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2019.

1. Cleonice Rainho. 2. Liberdade para as estrelas. 3. Memória. 4. Contexto de exceção I. Mendes, Moema Rodrigues Brandão, orient. II. Título.

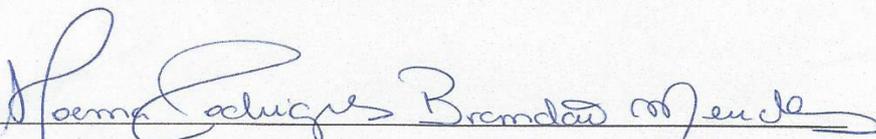
CDD: B869.1

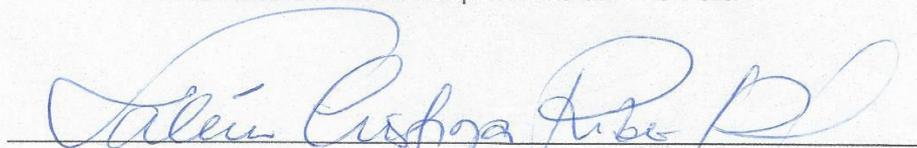
ANA FLÁVIA ARAÚJO DIAS

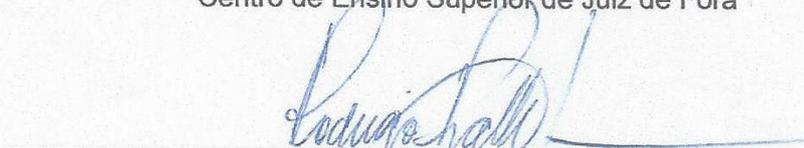
**EU VOLTEI PARA CONTAR: UM CONTEXTO DE EXCEÇÃO NA OBRA
LIBERDADE PARA AS ESTRELAS, DE CLEONICE RAINHO**

Dissertação apresentada ao Mestrado de Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/ JF), área de concentração Literatura Brasileira, linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Moema Rodrigues Brandão Mendes
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora


Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina Ribeiro Pereira
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora


Prof. Dr. Rodrigo Fialho Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais/ Leopoldina

Examinada em: 28/06/2019.

Dedico este trabalho aos meus amigos da Escola Municipal Iva Mello Reis, com quem compartilhei muitas experiências vividas nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

O curso de Pós-graduação *Scripto sensu* foi um sonho realizado e, por isso, muitos são os que merecem meus agradecimentos.

O carinho, a dedicação, o apoio e a competência dos professores do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES/JF, meu agradecimento respeitoso.

De maneira particular, agradeço à professora Dra. Valéria Cristina Ribeiro Pereira por ter aceitado o convite para compor a banca de Defesa desta Dissertação como examinadora interna e assim dar as suas contribuições que serão de grande valia para meu crescimento acadêmico.

Meu agradecimento ao professor Dr. Rodrigo Fialho Silva pelo aceite na composição desta banca como examinador externo, presença que trará profícua colaboração no âmbito teórico e prático que me auxiliarão na caminhada acadêmica.

Especialmente à minha querida amiga e orientadora Moema Mendes pela absurda, competência, disponibilidade, paciência, amabilidade e maestria em fazer com que o trabalho fosse o melhor e que me oportunizasse outros caminhos.

Aos meus amigos de curso, que compartilharam comigo essa caminhada de espinhos e flores.

Ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) cujas portas abertas à pesquisa cumpre a sua missão museológica com generosidade.

Não posso deixar de agradecer à funcionária Lucilha Magalhães sempre atenciosa e solícita nas inúmeras vezes em que a pesquisa precisou de suas contribuições no MAMM em Juiz de Fora, MG.

Ao Senhor Wanderley Luiz de Oliveira, biógrafo e amigo de Cleonice Rainho, agradeço por suas contribuições não somente textuais, mas também por aquelas que me forneceu em entrevistas e que não estão registradas em livros.

Aos meus pais, Rita Carvalho e Pedro Nolasco e meus irmãos Rafael Dias e Natalia Dias, pela torcida, força e oração para que tudo desse certo.

Agradecimento especial aos meus filhos, João Victor Peres e Ana Luísa Peres – razão da minha existência – por compreenderem minha ausência e minhas longas horas de estudos nos fins de semana, para que concluísse esta etapa.

Ao meu amado esposo, Warleson Peres, pelas trocas de experiência, pelo posicionamento acadêmico sincero, pelo companheirismo, pelo suporte dedicado à nossa casa e aos nossos filhos nesse período.

Finalmente, e, de forma plena, agradeço a Deus que me possibilitou a vida, a sabedoria e a inteligência necessárias não só nesta empreitada, mas em tantas outras que vivi e que ainda viverei.

“Quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro de que muitas partes foram esquecidas”.

(Maurice Halbwachs)

RESUMO

DIAS, Ana Flávia Araújo. **Eu voltei para contar**: um contexto de exceção na obra **Liberdade para as estrelas**, de Cleonice Rainho. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

A presente dissertação tem por objetivo analisar a obra **Liberdade para as estrelas** (1988) cuja história é protagonizada por Marina, uma jovem mulher no início de sua vida profissional. Em contexto de ditadura no Brasil, os desdobramentos narrativos envolvem o pai, o recém-marido, ambos cassados e exilados pela polícia, contaminando de medo e insegurança os familiares e amigos de convivência próxima. A obra é de autoria da escritora mineira Cleonice Rainho (1915 - 2012), exemplo de mulher engajada, culta, politizada; intelectual que viveu intensamente o período explicitado na obra. A referida investigação fundamenta-se nos pressupostos que envolvem as teorias de arquivos pessoais e o resgate de memória, apoiados por outras linhas teóricas que demonstram o lugar ocupado por esta intelectual e suas implicações. Importa ressaltar, nesta investigação, o papel desempenhado por essa escritora que se pronunciou por meio da narradora Berenice: mulher, solteira, igualmente engajada, culta e experiente. É destacável, na obra, a dualidade da relação entre homem e mulher, seus distintos papéis e posicionamentos político-sociais inseridos em uma sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Cleonice Rainho. Liberdade para as estrelas. Memória. Contexto de exceção.

RESUMEN

La presente disertación tiene por objetivo analizar la obra **Liberdade para as estrelas** (1988), cuya historia es protagonizada por Marina, una joven mujer al inicio de su vida profesional. En el contexto de dictadura en Brasil, los desdoblamientos narrativos involucra al padre, al recién esposo, ambos casados y exiliados por la policía, contaminando de miedo e inseguridad a los familiares y amigos de convivencia cercana. La obra de autoría de la escritora Cleonice Rainho (1915-2012), nacida en Minas Gerais, es un ejemplo de mujer comprometida, culta, politizada; intelectual que vivió intensamente el período explicitado en la obra. La referida investigación se fundamenta en los supuestos que involucran las teorías de archivos personales y el rescate de memoria, apoyados por otras líneas teóricas que demuestran el lugar ocupado por esta intelectual y sus implicaciones. Es importante resaltar, en esta investigación, el papel desempeñado por esa escritora que se pronunció por medio de la narradora Berenice: mujer, soltera, igualmente comprometida, culta y experimentada. Es destacable, en la obra, la dualidad de la relación entre hombre y mujer, sus distintos papeles y posicionamientos político-sociales insertados en una sociedad patriarcal.

Palabras-clave: Cleonice Rainho. Liberdade para as estrelas. Memoria. Contexto de excepción.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O amor	XX
Figura 2 – Introdução	XX

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro comparativo	XX
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS

ABI	Associação Brasileira e Imprensa
ACLB	Associação de Cultura Luso-Brasileira de Juiz de Fora
CES/ JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
FAFILE	Faculdade de Filosofia e Letras
LPE	Liberdade para as estrelas
MA	Manuscrito autógrafo
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
MNBA	Museu Nacional de Belas Artes
UBE	União Brasileira de Escritores
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
VI	Versão impressa
VL	Versão a lápis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CLEONICE RAINHO, UMA MULHER DE LETRAS	18
3 PROJEÇÕES DA MEMÓRIA NO ROMANCE LIBERDADE PARA AS ESTRELAS	27
3.1 OS MANUSCRITOS: UMA QUESTÃO DE RESGATE E PRESERVAÇÃO	37
3.2 O MANUSCRITO E O IMPRESSO	43
4 ESPAÇO DE TENSÃO NO ROMANCE	51
4.1 O FEMININO E SUAS NUANCES NO CONTEXTO DE EXCEÇÃO	56
4.2 CONSTRUINDO E DESFAZENDO LAÇOS DE AFETO: MATERNIDADE E CASAMENTO.....	70
5 CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	84
ANEXO A – Convite de lançamento	89
ANEXO B – Crítica Literária 1	90
ANEXO C – Parecer Editorial	91
ANEXO D – Informação 1	92
ANEXO E – Informação 2	93
ANEXO F – Crítica Literária 2	94
ANEXO G – Rascunho da obra 1	95
ANEXO H – Possíveis títulos	96
ANEXO I – Rascunho da obra 2	97
ANEXO J – As personagens	98
ANEXO K – O amor	99

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento a respeito do Fundo arquivístico da escritora Cleonice Rainho ocorreu em uma visita técnica mediada, ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), organizada pela professora da disciplina Arquivos brasileiros e memória, Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes, do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF em Juiz de Fora, MG.

No referido Museu, a funcionária responsável pela biblioteca, Lucilha Magalhães, apresentou aos pesquisadores os acervos de vários escritores, além de Murilo Mendes, que estão sob a guarda do MAMM, a citar, em ordem alfabética, Arthur Arcuri (1913 – 2010), Cleonice Rainho (1915 -2012), Cosette de Alencar (1918 – 1973), Dormevilly Nóbrega (1921 – 2003), João Guimarães Vieira (1920 – 1996), Gilberto de Alencar (1886 – 1961) e, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (1934).

Nessa primeira visita, Magalhães informou, conforme registro no sítio eletrônico do Museu, que o acervo de Rainho encontrava-se em fase de organização e catalogação a fim de ser entregue ao público para pesquisa. A funcionária esclareceu que o Fundo é composto por um grande número de manuscritos, o que dificultava, momentaneamente, a eficácia e a otimização do trabalho, sem deixar de mencionar que a prioridade de preservação, restauro, organização e catalogação se direcionava às obras de Murilo Mendes, poeta, origem da referida Instituição museológica.

Dentro deste contexto de exposição mediada, a atenção voltou-se à obra de Cleonice Rainho, inicialmente às poesias infantis escritas por ela. Em caráter de investigação, foram empreendidas várias leituras a respeito dessas poesias infantis em livros da autora disponíveis no MAMM, como **O Palácio dos peixes** (1996) e **Varinha de condão** (1973), mas nada havia despertado encantamento que motivasse a possibilidade de uma pesquisa bibliográfica.

As poesias lidas, para um primeiro momento de análise, apresentaram como temática significativa um universo de espécies animais, de brinquedos, de brincadeiras infantis e de conteúdos relacionados à natureza de maneira interessante, embora apontasse a uma característica textual mais hermética que associada à presença de poucas ilustrações motivou esta pesquisadora a procurar e localizar os manuscritos e impressos de outros textos produzidos pela autora que causassem um

maior deleite e oportunizassem o prazer do desenvolvimento de uma pesquisa dissertativa, já que a produção de Cleonice era estimulante a esta ação investigativa.

A mesma funcionária, durante a visita, mencionou um romance intitulado **Liberdade para as estrelas**¹ (1988), cujos comentários instigaram a vontade de lê-lo para conhecê-lo, intensificada pela presença dos respectivos manuscritos, o que permitiria uma pesquisa que tangenciasse o processo de criação da obra, fundamentada na teoria da Crítica Genética, também área de interesse da pesquisadora.

Naquela ocasião, (meados de 2017) estava muito difícil pesquisar qualquer documentação no Acervo de Cleonice Rainho, pois não havia nenhum tipo de organização e catalogação. Os manuscritos estavam acondicionados em uma única caixa, sobrepostos uns sobre os outros, sem seleção de assunto, data ou quaisquer outros critérios. Mas, sem dúvida nenhuma, o enredo do romance, a forma de escrita da autora e o panorama histórico que envolviam o livro foram o que despontaram o encantamento e a curiosidade necessários para encaminharem as ações à investigação deste objeto mesmo com todas as dificuldades aparentes. Foi nesse momento, agosto de 2017, que houve a definição: eleger a obra, **Liberdade para as estrelas** (1988), como objeto de pesquisa bibliográfica, exploratória e documental para escrita desta Dissertação.

O romance foi produzido por Cleonice Rainho, publicado em 1988 e seu lançamento aconteceu em 15 de maio (ANEXO A, ANEXO B), em uma livraria importante à época, chamada Terceira Margem, na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais.

O início do trabalho teórico ocorreu com a leitura do romance e de alguns textos teóricos como os de Maurice Halbwachs (2003) e José D'Assunção Barros (2012), que foram utilizados como subsídios para a elaboração do projeto de pesquisa para a referida Dissertação, portanto, não foram necessárias visitas periódicas ao MAMM neste momento de construção da proposta.

Ao retornar à pesquisa em campo, depois de defendido e aprovado o projeto de pesquisa para a elaboração deste trabalho acadêmico, em início de 2018, uma surpresa agradável seria um divisor de águas: o acervo de Cleonice Rainho no MAMM estava quase todo organizado, faltando apenas uma pequena parte a ser catalogada

¹ O romance, **Liberdade para as estrelas** (1988), será registrado, em alguns momentos do texto, pela sigla LPE.

para que o Fundo da titular ficasse completamente classificado e sistematizado no Acervo.

A escolha por pesquisar esse romance deveu-se também ao fato de ser uma obra de pouca visibilidade no panorama literário local, regional e nacional, mas de grande expressividade temática por se tratar de uma escrita de mulher em contexto de exceção. Associa-se a este interesse, o fato de um número inexpressivo de pesquisadores estudarem a produção literária de Cleonice Rainho².

O romance é contextualizado no período histórico próximo à época em que a obra foi publicada, 1988, visto que apresenta aspectos que denotam a violência decorrente dos embates políticos, entre militares e militantes, além de apontar, veladamente, para aspectos que podem ser associados ao movimento feminista em curso nos anos de 1960-1970.

Essa obra parece apresentar um elemento diferencial em relação a outras publicadas durante o período da Ditadura Militar no Brasil, haja vista que ela exibe como protagonistas e coadjuvantes figuras femininas importantes, que têm voz e vez dentro da narrativa e a obra aborda o tema da ditadura com o olhar direcionado pela mulher e para a mulher, expondo os diversos comportamentos e atuações neste período. As próprias vivências da autora podem ter influência sobre a mesma, por isso, acredita-se que essa pesquisa trará profícuas contribuições à fortuna crítica da referida escritora sobre as questões que dizem respeito ao campo de estudo do feminismo e às interferências da Ditadura Militar na literatura escrita por mulheres e a memória.

Ao iniciar esta pesquisa, ainda na elaboração do projeto, o título definido para a mesma era: As faces do feminino em um contexto de exceção na obra **Liberdade para as estrelas**, de Cleonice Rainho, porém depois de conhecer os manuscritos, e, principalmente, a sinopse datiloscrita (ANEXO C) na qual estava registrado outro título para a obra, **Eu voltei para contar**, houve nova decisão em substituí-lo por ser mais adequado à proposta deste trabalho. O motivo da permuta foi valorizar esse título que, por alguma razão, foi desprezado em detrimento de **Liberdade para as estrelas** e

² Foram consultadas as seguintes dissertações de Mestrado defendidas no Centro de Ensino Superior CES/JF: **Dois momentos em Cleonice Rainho**: a operária das letras, defendida por Márcia Aparecida de Paula e Souza em 2015; **Cleonice Rainho e Nathaniel Hawthorne**: o silêncio como manifestação feminina, defendida por Valéria Soares Nogueira em 2009; **Momentos políticos e históricos da ditadura em Liberdade para as estrelas**, defendida por Maria do Rosário Moreira de Lima, defendida em 2005.

também para fazer um encadeamento com a trama ficcional – a protagonista-narradora, Berenice, volta para contar as memórias da prima, Marina, que vive num contexto de exceção.

São três os objetivos específicos importantes nesta pesquisa. O primeiro é analisar **Liberdade para as estrelas** (1988), fundamentada nas teorias feministas e memorialistas, contextualizadas próximo ao período ditatorial em que a obra foi escrita e suas personagens (suas estereotípias, seu envolvimento político e sua vivência sexual).

O segundo é investigar, de forma histórica e biográfica, a importância da posição intelectual ocupada por Cleonice Rainho na construção do texto literário, viabilizando (re) visitar e resgatar a memória do cenário político-social vigente à época. E por fim, cotejar, por amostragem, as variantes encontradas nos datiloscritos, autógrafos e na versão impressa do romance. A finalidade deste cotejamento é oportunizar ao leitor/pesquisador o conhecimento das variantes produzidas por esta escritora em seu processo de criação. Esta decisão justifica o recorte empreendido à página introdutória do romance, já que o confronto das versões não é a proposta fundamental desta pesquisa.

Quanto aos aportes teóricos utilizados para a investigação proposta, foram pesquisados como eixo central os estudos de Philippe Artières, Maria Zilda Ferreira Cury, Michael Pollak, Paul Veyne, Maurice Halbwachs, Le Goff, Henri Bergson, Constância Lima Duarte, Lúcia Zolin, e Virgínia Woolf apoiados em quaisquer outros teóricos que se fizeram necessários ao objeto pesquisado.

Utilizando as contribuições desses estudiosos aliadas à pesquisa realizada, a Dissertação foi composta pela INTRODUÇÃO, seguida da seção CLEONICE RAINHO: UMA MULHER DE LETRAS, na qual foi apresentada uma biografia da autora e suas contribuições para o panorama cultural da cidade de Juiz de Fora, razão pela qual justifica afirmar que Rainho era uma mulher além de seu tempo. Em sequência, a seção intitulada PROJEÇÕES DA MEMÓRIA NO ROMANCE **LIBERDADE PARA AS ESTRELAS**, dividida em duas subseções denominadas: OS MANUSCRITOS: UMA QUESTÃO DE RESGATE E PRESERVAÇÃO e O MANUSCRITO E O IMPRESSO, nas quais foram abordadas questões memorialísticas registradas no romance baseadas nas teorias da memória e exemplificadas pelos manuscritos da autora sobre o romance. A seção posterior intitulada O ESPAÇO DE TENSÃO NO ROMANCE, retrata as questões dramáticas

aferidas no enredo seja no panorama histórico ou nas relações entre as personagens. Tal seção é dividida em duas subseções: O FEMININO E SUAS NUANCES NO CONTEXTO DE EXCEÇÃO e CONSTRUINDO E DESFAZENDO LAÇOS DE AFETO: MATERNIDADE E CASAMENTO. Por fim, foram elaboradas a CONCLUSÃO e apresentadas as REFERÊNCIAS e os ANEXOS.

2 CLEONICE RAINHO, UMA MULHER DE LETRAS

Ser reconhecida como escritora, intelectual, mulher de letras, parece não ter sido muito fácil.

(Constância Lima Duarte e Kelen Benfenatti Paiva)

Uma vida dedicada à literatura. Assim Cleonice Rainho será sempre lembrada. Autora de publicações importantes para Juiz de Fora, ela morreu em sua casa, por volta das 15h30 [de ontem], aos 97 anos, em decorrência de uma pneumonia.

(Mauro Morais).

Esse foi o *lead* do jornal local, quando noticiou o falecimento da escritora que ocorreu no dia 22 de maio de 2012, dois meses depois da morte de seu filho mais velho Fernando Antônio. Segundo Wanderley Luiz de Oliveira (2018), Cleonice, que já estava fragilizada pela doença foi, por isso, poupada da notícia da morte de seu filho³.

O periódico juizforano citado, **Tribuna de Minas**, agora datado de 2015, faz uma referência ao centenário de nascimento da escritora em uma nota: “Ao longo de uma dedicada carreira literária, ela escreveu crônicas, poesias, ficções infantis, contos, romances, trovas, novelas e textos acadêmicos” (Ao longo de. **Tribuna de minas**, 2015, Não paginado).

Wanderley Luiz de Oliveira, biógrafo de Cleonice Rainho, descreveu-a da seguinte forma:

Ela escreveu de tudo. Só não fez teatro por falta de tempo. Ela não tinha vida social. Foi professora durante muito tempo, e sua produção literária era noturna. Cleonice costumava enviar exemplares de seus livros para seus pares e mantinha correspondências com importantes nomes das artes brasileiras. Um desses interlocutores era Carlos Drummond de Andrade, que costumava tecer loas à mineira de Angustura (distrito de Além Paraíba), radicada desde a infância em Juiz de Fora. “Sua prosa encanta pela fluência e poder de expressão a serviço de uma ótica sensível e perspicaz da vida”, disse, certa vez, o itabirano (RIBEIRO apud MORAIS apud OLIVEIRA, 2015. p. 33).

O biógrafo Wanderley Luiz de Oliveira compilou vida e obra de Rainho no livro **Cleonice Rainho a busca e o encontro: uma biografia** (2010). Esta obra reúne fatos

³ Entrevista concedida por Wanderley de Oliveira à pesquisadora Ana Flávia Araújo Dias na Associação de Cultura Luso-Brasileira (ACLB). Data: 11 jul. 2018.

e acontecimentos da vida pessoal e profissional da escritora, da vida de seus pais, de irmãos, do esposo e dos filhos. As informações foram coletadas em entrevistas feitas com Rainho, com seu irmão, Romeu Rainho, e a maior parte dessas Oliveira obteve lendo os manuscritos da produção da referida autora que foram doados juntamente com seu Acervo bibliográfico para o Museu de Arte Murilo Mendes – MAMM em 2010.

Em entrevista concedida a esta pesquisadora, no dia 11 de julho de 2018, por volta das 15:30h, na Associação de Cultura Luso-Brasileira (ACLB) em Juiz de Fora, o biógrafo referiu-se à senhora Cleonice de maneira muito agradecida e feliz por ter tido a oportunidade de tê-la conhecido e expressou sua estima por seus caminhos terem se cruzado ocasionalmente, desde que a mãe de Wanderley de Oliveira comprou o apartamento de dona Cleonice (como assim a ela se referia) na rua Gil Horta em Juiz de Fora, época em que a escritora mudou-se para a rua Coronel Vaz de Melo, 135, em 1º de dezembro de 1974, no bairro Bom Pastor, também nesta cidade. Sua mãe reformou o apartamento, mas manteve uma parede de lambri do tempo em que a escritora ainda residia lá.

Ainda nesta entrevista, o biógrafo se recorda com alegria dos saraus que Cleonice Rainho oferecia em sua residência, já no bairro Bom Pastor, para os intelectuais da época, saraus dos quais, ele participou. Sempre acompanhados de boa música e coquetéis, esses eventos acolhiam os bons nomes da intelectualidade da cidade como a declamadora Carmem Sylvia Bastos Barbosa, a trovadora Creusa Cavalcanti França e os jornalistas Jefferson Leão de Almeida e Edward de Sousa Santos. Lá havia recitais, conversas, declamações de poesias entre outras manifestações culturais. Os encontros aconteceram no período de 1998 a 2003 e eram intitulados Encontros Literários da ACLB nos quais ela exercia a função de presidente.

Outro comentário importante sobre Cleonice Rainho é o que seu filho Luiz Flávio emite:

Minha mãe era até introvertida. Ela se extravasava no que escrevia. Seu lado social estava na literatura. Lembro-me dela como professora e educadora, não só em Juiz de Fora, mas em várias outras cidades; e como uma escritora que deixou uma obra literária de muita repercussão, extrapolando as fronteiras da cidade. Esse legado se perpetuou em minha memória (MORAIS apud OLIVEIRA, 2015. p. 35).

Cleonice foi uma exímia escritora, publicou mais de 30 títulos, como, por exemplo, o romance **Uma sombra nas ruas** (1984), o livro de poesias **Poemas chineses** (1997), e o de contos **3 KMS & picos** (1980), além de ter participado em trabalhos publicados nos folhetins **Gazeta Comercial**⁴ e **O Lince nas letras**⁵. Foi professora primária (Escola Estadual Delfim Moreira e Escola Estadual Estevão de Oliveira, ambas em Juiz de Fora), secundária (Escola Técnica de Contabilidade do Colégio Santa Catarina também em Juiz de Fora) e universitária na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Recebeu uma infinidade de títulos, prêmios e honrarias por sua efetiva participação no panorama cultural da cidade, como, por exemplo, o Prêmio Literário promovido pela União Brasileira de Escritores (UBE) em 1995 e o título de professora Emérita da Universidade Federal de Juiz de Fora conferido a ela em 1996. Sua facilidade na escrita deveu-se à sua influência literária. Leu obras de muitos autores brasileiros e portugueses como Monteiro Lobato, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e José Saramago e ainda “com sua escrita conseguiu romper o circuito local e ter suas obras publicadas por editoras nacionais” (OLIVEIRA, 2010, p. 389) como José Olympio e Imago.

Seu envolvimento com a literatura foi uma de suas várias participações nos movimentos culturais. Outras foram viagens, docência e trabalho burocrático para que a literatura acontecesse (como conquistar a Presidência da ACLB e ser membro de Associação Brasileira e Imprensa (ABI)). Era uma mulher engajada na luta social e mantinha a cultura local juizforana sempre viva e diligente.

Cleonice, como de fato, era uma mulher ativamente comprometida nas causas culturais, à frente de seu tempo como escritora, mas pessoalmente não podia ser considerada uma feminista declarada: suas influências ficaram marcadas em sua escrita, considerando o entendimento de Virgínia Woolf, utilizado como eixo para esta reflexão, que afirma entre outros preceitos, o descrito a seguir:

⁴ Jornal diário que noticiava assuntos relacionados a atividades comercial, industrial e agrária de Juiz de Fora. Disponível em: < <https://pesquisafacomuffj.wordpress.com/2014/10/10/o-lince-67-anos-informando-e-entretendo-juiz-de-fora/>>. Acesso em: 04 out. 2018

⁵ Jornal de cultura de quatro páginas fundado por Jesús de Oliveira.

Blog Memória da Imprensa. Disponível em: <<https://memoriasdaimpressajf.wordpress.com/impressos-de-juiz-de-fora-9/impressos-de-juiz-de-fora/jornais/gazeta-comercial/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

[...] que para escrever um grande romance, é necessário à escritora, ao se defrontar com uma “**situação**”, mais que roçar superfícies, “**mergulhar o olhar até as profundezas**”. Em vista disso, é preciso que as mulheres saltem, ainda uma série de obstáculos, ignorando o olhar de reprovação que emana dos bispos e deões, dos doutores e lentes, dos patriarcas e pedagogos [...] (WOOLF apud ZOLIN, 2005, p. 187, grifos da autora).

Partindo desta assertiva, a mulher Cleonice Rainho pode ser considerada, até certo ponto, conservadora, pois ela não salta alguns obstáculos de seu tempo. Ou seja, ela era uma mulher de tradições católicas as quais eram defendidas sempre que questionadas. Ela mesma manifestava suas opiniões conservadoras em entrevistas concedidas a pessoas representantes de vários órgãos institucionais. É salutar ressaltar que a referida autora é nascida no início do século XX, o que justifica o fato de alguns assuntos serem entendidos e tratados de forma diversa às do início do século XXI: como a ideia da indissolubilidade do casamento que era inconcebível, assim como a sobrevivência e a desenvoltura de uma mulher separada de seu esposo nos anos de 1960. Estas situações consistiam em uma rejeição social. Então, para a escritora, as regras da Igreja se uniam às regras sociais, o que atualmente, século XXI, denotaria, de certo modo, uma situação exagerada, pois os matrimônios podem não ser mais tão duradouros e as mulheres divorciadas conseguem viver à margem de alguma recriminação na sociedade.

O fragmento a seguir é um exemplo no qual Rainho manifesta seu posicionamento denominado aqui como conservador:

Sou contra o divórcio em qualquer parte, pois defendo a indissolubilidade do vínculo conjugal. Considero o matrimônio, sacramento, instituição divina e o divórcio fator dissolvente da constituição da família, um desastre na educação da prole e mesmo em boa dose responsável pelo aumento da criminalidade infantil” nas modernas sociedades que o aceitam (OLIVEIRA, 2010, p.387).

Porém, essa espécie de contradição observada em Rainho, ou seja, a mulher ter posicionamentos mais tradicionais e conservadores e, a escritora ser mais liberal e inovadora, não compromete a beleza e a qualidade de sua produção. Ela aborda temáticas e assume posturas por meio de suas personagens que se contrapõem aos seus posicionamentos pessoais, o que justifica seu próprio filho, Luiz Flávio, tê-la definido como “ela extravasava no que escrevia” (RIBEIRO, apud MORAIS, 2015, Não paginado).

Em contrapartida, sua conduta de vida influencia sua obra. A afirmação da pesquisadora Maria do Rosário Moreira de Lima, na Dissertação intitulada **Momentos**

políticos e históricos da ditadura em Liberdade para as estrelas, defendida em 2005 no Programa de Pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras – do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/ JF), coaduna com essa assertiva e a relata da seguinte forma:

Cleonice Rainho, em seu depoimento, afirma ser uma pessoa religiosa e segundo alguns críticos, seu livro **Vôo branco** é de alta espiritualidade [...]. Nele, a autora afirma: “É minha paz interior que eu quero repartir com os leitores.” Sendo, pois, muito virtuosa e católica praticante, os detalhes com que descreve as cenas religiosas e atitudes espirituais das personagens retratam muito de sua vida, como ela mesmo afirma: “É natural, o autor se reflete naquilo que escreve, é a coisa mais que natural” (RAINHO apud LIMA, 2005, p. 61).

A peculiaridade de Rainho não está presente apenas na divergência de opiniões apresentadas por ela, mas na forma como conduziu sua vida profissional e particular.

Considerando o texto produzido pelas estudiosas Constância Lima Duarte e Kelen Benfenatti Paiva e publicado na Revista **Ipotesi** (2009) publicação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora é possível compreender o percurso traçado para que tal titulação fosse a ela conferido.

No referido artigo, as pesquisadoras Duarte e Paiva (2009) afirmam que havia um hábito frequente no século XIX que era reunir pessoas de alta condição social e intelectual para a prática dos salões literários. Eles foram o espaço semipúblico oportuno para que as mulheres ganhassem aceitação para o convívio intelectual. Essa brecha aberta no século XIX se estendeu até o século XX abrangendo, então, o período temporal da vida de Cleonice Rainho.

Desde muito jovem, Rainho, era impelida pelo desejo de fazer a diferença para os que estavam à sua volta. Sempre esteve preocupada em oportunizar à sociedade situações e eventos que favorecessem à cultura. Mesmo depois de casada e já com os filhos, foi essa mulher de quem falam Duarte e Paiva (2009), que ganhou o espaço semipúblico para compartilhar experiências intelectuais. Com suas publicações, a escritora divulgava as narrativas para as escolas da cidade, promovia saraus em sua residência, conforme dito e retomado propositalmente, convidando vários intelectuais da época, incentivava concursos de poesias entre outras atividades culturais em que se fez presente. Ao analisar superficialmente o panorama de outras mulheres da cidade de Juiz de Fora e, levando em consideração as funções que

Rainho já desempenhava em sua vida – pessoal e profissional –, sair do seu lugar comum e favorecer todas essas outras práticas voltadas para o incentivo à cultura local, configuraram um lugar de vanguarda ocupado por ela. Importa ressaltar que no início do século XX, o espaço primordialmente ocupado pela mulher era o doméstico; ainda que algumas saíssem dos lares para estudar e trabalhar não era esta, uma prática generalizada. A autora em questão não se enquadra neste perfil, já que em 1932, ela publica seu primeiro artigo na **Gazeta Comercial**, forma-se como professora primária em 1935 e já em 1936 torna-se diretora na Escola Severiano Sarmiento em Juiz de Fora. Em 1952, conclui o curso de Letras Clássicas (como era chamado) na FAFILE/UFJF onde em 1968 foi empossada como professora adjunta. Em 1969, cursa Ciências Pedagógicas na Universidade Clássica de Lisboa, Portugal. No mesmo ano, Rainho visitou vários países da Europa e África nos quais proferiu palestras, visitou importantes Universidades e conheceu significativamente a cultura dessas localidades. Todas essas atividades e a precocidade do sucesso alcançado em sua vida profissional e o não abandono dos cuidados com o marido e os filhos, endossam o título de ser mulher além de seu tempo, conferido a Cleonice Rainho por esta pesquisadora.

Ainda dentro do panorama da cidade de Juiz de Fora que a escritora elegeu como sua, não eram todas as mulheres que viviam essa realidade. Segundo ela própria, nem mesmo alguns intelectuais homens tiveram a projeção que ela teve. Na biografia de Oliveira (2010) Rainho dá uma importante declaração sobre essa questão para Gustavo Carvalho.

Fui fazer uma palestra no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) e destaquei Gilberto de Alencar como romancista, Belmiro Braga como poeta e Lindolfo Gomes como polígrafo, um grande conhecedor da língua portuguesa. Eu conheço Pedro Nava e Murilo Mendes, mas eles não têm penetração popular. Murilo Mendes, então é muito elitizado. O Pedro Nava, como memorialista, tem muito valor. Mas quem se lembra do poeta Alves Júnior? (RAINHO apud OLIVIEIRA, 2010, p. 388).

Não se pode deixar de mencionar que ser além do seu tempo contribuiu com suas publicações, que de certa forma, projetaram seu nome no âmbito editorial. Essas criações lhe renderam variados prêmios e menções honrosas, o que só comprova que vários setores da sociedade também a viam como uma mulher escritora pioneira. A diversidade temática observada em suas obras, o vocabulário utilizado e os variados

gêneros literários por ela produzidos endossam o pioneirismo alcançado por Cleonice Rainho.

Um breve passeio por essa diversidade será oportunizado para que o leitor compreenda o espaço vislumbrado pela escritora. Na introdução deste trabalho, foram mencionadas as poesias infantis de autoria de Cleonice Rainho que apresentam temática voltada ao interesse infantil como brinquedos, brincadeiras, animais e natureza. De acordo com a biografia de Oliveira (2010) a autora embrenhou-se no caminho da literatura infanto-juvenil em 1973 com o livro de poesias **Varinha de Condão** (1973) pois nos anos 1970 houve um *boom* na literatura infantil e as editoras davam abertura e facilitavam os trâmites para que para os escritores publicassem. Assim, a mulher das letras, aproveitou e publicou mais de dez títulos. Ela mesma justifica, na biografia, seu apreço pela escrita para crianças:

Sou uma pessoa de fé, disciplina e trabalho. Também cultivo a humildade. Já viajei muito, vi coisas grandiosas. Mas, gosto mesmo é das coisas simples: água fluindo, vôo de passarinhos, árvores, flores. E mais que tudo de crianças. Quando escrevo para elas, sinto-me feliz, menina outra vez, doce e ingênua, rindo sobre as teclas da máquina, divertindo-me quero passar-lhes um recado alegre e otimista, pois acho que só assim podemos construir algo nobre, edificante. Creio, sinceramente, que das crianças felizes de hoje virá o País melhor de amanhã, altaneiro, progressista. Com homens à altura de seu desenvolvimento (RAINHO apud OLIVEIRA, 2010, p. 526).

Dentre os livros publicados pela escritora destacam-se os de poesia **Galinho Azul** (1976) com uma temática sobre o Natal, **O cabritinho sabido** (1995) e o **Palácio dos peixes** (1996). Os de ficção infantil estão sob os títulos **O castelo da Rainha Bá** (1983), **Torta de Maçã** (1983), **A tigelinha da vovó** (1986) e **O passeio** (1994), **Moranguinho e seu festival** (1989), todos com temas que incentivam a criatividade e a imaginação dos pequenos. Escreveu também com intuito didático os títulos **Parabéns a você** (1982) e **Festas tradicionais brasileiras** (1996). Além de um título com enredo bem juvenil: **La Cucaracha** (1992).

Já as obras destinadas aos adultos, publicou várias criações que vão desde as poesias, passando pelos contos, romances e outros gêneros; em cada um é possível identificar as singularidades dessa mulher, sua escrita rica em forma e conteúdo e temas próprios de cada época de publicação e, ainda levava em consideração o público para o qual se propunha a escrever.

Baseados no público adulto dentre as obras de contos publicadas por Rainho, pode-se destacar as seguintes produções: **O chalé verde** (1964), **3 Kms & Picos**

(1980) e **João Mineral** (1983). Ela destaca, de acordo com Oliveira (2010), que se arriscou no universo dos contos depois que enviou uma de produções para uma revista carioca e teve a surpresa de vê-lo publicado, ilustrado e premiado.

É possível destacar, também, as obras poéticas de sua autoria, que possuem um caráter criativo, com versos elaborados que provocam o emocional do leitor. **Poemas chineses** (1997), **Vôo Branco** (1979), **Sombras e sonhos** (1956), **Terra Corpo sem nome** (1970), **Intuições da tarde** (1990), **Verde vida** (1993) e **Linho do tempo** (1997). Além desses gêneros, ela também escreveu um título de crônicas **Ternuras** (1956) e um de trovas **Andorinhas** (1964).

Escreveu dois romances publicados, já citados: **Uma sombra nas ruas** (1984) e o objeto desta pesquisa dissertativa **Liberdade para as estrelas** que, segundo o biógrafo, a excelência na escrita garantiu a ela que seus livros ganhassem o mundo, “rompendo os limites da região, [...] tem seus livros lançados por editoras nacionais, tendo distribuição no exterior garantida pela Agência Literária Susan Bach Ltda (OLIVEIRA, 2010, p. 389).

Cleonice Rainho também pode ser considerada uma intelectual, segundo o conceito definido por Sandra Regina Goulart Almeida (2008): “a mobilidade cultural por vezes não é apenas parte do mundo ficcional descrito, mas também parte do papel ativo que assumem como intelectuais da diáspora contemporânea” (ALMEIDA, 2008, p.47 apud WALTY; CURY, 2008). Tal explanação será detalhada na seção 4 deste trabalho.

Diante de uma vastidão de materiais e obras, e como ela era uma pessoa que abria sua casa aos pesquisadores, doou seu acervo ao MAMM no ano de 2010. É um acervo documental de grande magnitude – ou seja, mais documentos do que livros, tais como recortes de papéis, bilhetes, recortes de jornais, folhetos de divulgação de lançamento de livros, muitos manuscritos como, por exemplo, os que foram utilizados nesta pesquisa e manuscritos inéditos como o livro **O lado azedo**, que teve o início de sua produção em 1985 e cuja temática é o ciclo da cana-de-açúcar na Zona da Mata mineira e o **Cosmorama**, que é uma crônica de viagem que foi iniciado em 1970 e que estão sob a guarda da instituição para organização, catalogação e para, posteriormente, disponibilização de acesso ao público. Já os seus livros autorais publicados encontram-se à disposição de pesquisadores e leitores na Associação de Cultura Luso-Brasileira.

Dessa forma, a vida e a obra de Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro, filha de Antônio Gonçalves Rainho Júnior e de Percília de Souza Rainho serão perpetuadas por meio do acolhimento e da preservação da sua produção e também por meio de pesquisadores e estudiosos como ela mesma o era.

A próxima seção tratará o romance, **Liberdade para as estrelas**, (1988) sob o olhar das teorias memorialísticas.

3 PROJEÇÕES DA MEMÓRIA NO ROMANCE LIBERDADE PARA AS ESTRELAS

Onde estou? Este sítio desconheço:
 Quem fez tão diferente aquele prado?
 Tudo outra natureza tem tomado;
 E em contemplá-lo tímido esmoreço.
 (Cláudio Manoel da Costa)

Nesta seção, será dedicado um espaço para a abordagem da memória, uma vez que a obra **Liberdade para as estrelas** (1988) narra os fatos em *flashback* e sob a perspectiva de uma das protagonistas, Berenice, que relembra os acontecimentos vividos pela prima Marina, mesmo depois de terem-se passado alguns anos dos fatos decorridos - o que, portanto, pode ser tratado como manifestação da construção da memória.

Primeiro é importante contextualizar o romance e seu enredo: a história é protagonizada por Marina – uma jovem mulher no início de sua vida profissional em contexto de ditadura no Brasil – na qual os desdobramentos narrativos envolvem o pai, o recém-marido, ambos cassados e presos pela polícia e exilados. Contaminados de medo e insegurança, os familiares e amigos de convivência próxima são comprometidos pelos acontecimentos e, ao mesmo tempo, têm registrado em suas memórias os fatos vividos.

A fim de explicitar essa verificação, é necessária a conceituação de memória para a qual serão utilizadas algumas definições que auxiliarão na construção dessa ideia para a leitura do romance. As primeiras a serem usadas foram as registradas por Henri Bergson (1999) e por Alexandre Silva (apud GUIMARÃES; RESENDE; BRITO, 2012). As demais sucederão a estas a fim de compor esse cenário memorialista.

O francês Henri Bergson (1999), no capítulo Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito, da obra **Matéria e memória**, conceitua memória sob duas distintas vertentes: “uma, fixada no organismo, não é senão o conjunto dos mecanismos inteligentemente montados que asseguram uma réplica conveniente às diversas interpelações possíveis” (BERGSON, 1999, p. 176), e a outra definição é articulada da seguinte forma segundo o teórico:

[...] memória verdadeira. Coexistensiva à consciência, ela retém e alinha uns após outros os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a

cada fato seu lugar e conseqüentemente marcando-lhe a data, movendo-se efetivamente no passado definitivo, e não, como a primeira, num presente que recomeça a todo instante [...] Mas, se nunca percebemos outra coisa que não nosso passado imediato, se nossa consciência do presente é já memória [...] (BERGSON, 1999, p. 176-177).

Essa última conceituação é a que será tomada como base para a análise da obra nessa seção. É possível observar no romance em questão que os fatos descritos vão sendo relatados por Berenice numa ordem cronológica. Esses fatos são alinhados uns após os outros, desde o momento em que Marina chega ao Rio, passando pelo momento em que conhece Breno, a realização do casamento dos dois, até a chegada no exílio definitivo, dando a cada fato o seu lugar. Assim, os acontecimentos podem se mover do passado ao presente sob um novo olhar.

Dialogando com o conceito de Bergson (1999) está o proposto por Alexandre Silva, no texto **Elementos para uma comunicação pós-midiática**, que afirma:

[...] a palavra memória provém do grego que diz, mais imediatamente, ação de lembrar, o lembrar dele mesmo, aquilo que permanece no espírito. Dentro desse pressuposto, pode-se entender a memória como instância de inventar, meditar, refletir e velar, no sentido de cuidar (SILVA, 2003, apud GUIMARÃES; REZENDE; BRITO, 2012, p. 2).

É o que de fato Berenice faz. Ela se lembra de tudo o que foi vivido por Marina e os familiares, medita e vela, no sentido de cuidar, para que a prima e o filho, Alex, possam continuar suas vidas sem maiores temores depois de alguns anos decorridos em relação às vivências de tais circunstâncias. Suas lembranças são importantes para conseguirem revisitar o passado sem mágoas.

O trecho a seguir exemplifica as lembranças da protagonista:

[...] Minha prima lia bem francês, cursara a Aliança ainda nos bons tempos, língua amena, cantante, fluente. Gostava de pronunciar os *uu*, como em *menu*, *venu* e *mur*, o som do *i* com os lábios em pinha, o pai dizia: “Fale naturalmente, não precisa fazer biquinho não”, mas, no fim, ria, gostava e estimulava-a: “Tô brincando, seu bico é até bonitinho, no princípio é assim mesmo”. Mal sabia que mais depressa que esperava estaria ele na França, “falando naturalmente”, vivendo naturalmente tão naturalmente que deu no que deu. Conquistou Jacqueline ou foi conquistado? Esses negócios amorosos são mesmo complicados. Misteriosos, às vezes, cabalísticos. Se a gente começar a discuti-los vai dar pano para mangas, e quantas! [...] (RAINHO, 1988, p. 103, grifos da autora).

A descrição desse momento aproxima o passado do presente, conforme as palavras de Bergson (1999). Berenice relembra atitudes de Marina num tempo

passado – quando falava francês – mas os associa com o presente: o fato de o pai desta estar na França, exilado, com a companheira Jacqueline.

Completando a questão memorialística definida por Bergson (1999) é necessário apresentar a definição estabelecida por Santo Agostinho, e outra apresentada no texto **Representações da memória na literatura e na cultura**, de José Carlos da Costa e Lourdes Kaminski Alves (2010). Tal definição evidencia a razão da importância da memória para essa protagonista narrada e, por conseguinte, para Cleonice Rainho.

No *Livro X* Agostinho enuncia sua concepção sobre a memória, definindo-a como um receptáculo das experiências humanas, em que cabe todo o passado de suas experiências temporais e religiosas. É importante observar que esses guardados não permanecem imóveis ou imutáveis, são modificados por novas experiências, por novas reflexões, novos conhecimentos (COSTA; ALVES, 2010, p. 191).

Mas eis-me diante dos campos dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá estão guardados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, quer modificando de qualquer modo as aquisições de nossos sentidos, e tudo o que aí depositamos ou reservamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido pelo esquecimento (SANTO AGOSTINHO, [entre 397 e 401d.C, p. 183]).

Esses textos dialogam bem com o de Bergson (1999), complementando-o. Por sua vez, a escritora, Cleonice Rainho, faz do romance um receptáculo de experiências humanas em que cabe todo o passado de suas experiências temporais e religiosas; as relações estabelecidas entre as personagens e suas vivências são o material que constituem esse receptáculo.

No trecho a seguir, pode-se observar um exemplo desse receptáculo. O episódio relata o sentimento de Marina depois da prisão de jovens, amigos de Breno, no bar que frequentavam. Essas memórias demonstram o quanto a protagonista não gostava desse envolvimento do namorado com a polícia.

Na faculdade, o assunto do dia foi a prisão dos jovens, o barzinho ficava no bairro próximo. À hora do almoço, Breno apareceu na repartição. Conversou com Marina, bem aliviada depois do desabafo da noite. Convidou-a a tomar um sorvete, estava calor. Então ela lhe falou sobre os acontecimentos de véspera, o encontro frustrado. E, no tumulto da exposição dos fatos, sua depressão, seus problemas, foi traída pela câmara de censura e soltou, soltou aquilo que no momento mais gostaria de esconder (RAINHO, 1988, p. 87-88).

O romance **Liberdade para as estrelas** (1988), que tem seu início com o trecho “Você sabe o que significa voltar? Rever os mesmos sítios que já não são os mesmos. Acordar imagens na lembrança, cicatrizes que estão vivas, doendo ainda? Nem sei por que aconteceu tudo aquilo. Foi demais” (RAINHO, 1988, p.11), justifica a escolha da epígrafe que abre esta seção e exemplifica a que destino o romance será conduzido, que é o de (re) memorar os fatos vivenciados ao longo da trama. Cleonice Rainho favorece a que Berenice, uma narradora em terceira pessoa, faça, ao longo do enredo, as reflexões de suas próprias experiências, e das experiências de Marina. Recontando os fatos vividos pela protagonista e seus familiares, a narradora elabora um encadeamento entre eles no passado, trazendo-os ao presente na memória das pessoas que foram os atores da cena. Mais um exemplo da marca deste passado no presente dentro do romance, é o envio de cartões postais que Berenice faz mensalmente, remetendo-os da Austrália, para Alex, filho de Marina. Essa é uma maneira de manter vivas as lembranças que também poderão ser recuperadas posteriormente, já que a prática do envio dos postais aconteceu quando Alex ainda era um bebê. “De Marina, que é mãe de Alex, que vi nascer, o neném mais bacana do mundo. E por falar nele, a coleção de postais e fotos foi longe” (RAINHO, 1988, p. 260). A ideia de fazer isso aconteceu logo que Berenice embarcou, ainda dentro do avião ela escreveu o primeiro dos muitos postais que Alex recebeu enquanto ela estava na Oceania. “Neném querido: De um imenso avião, a mais de doze mil metros de altura, saúdo você em seu segundo mês de vida. Beijinhos da prima, já nos ares australianos. Berenice” (RAINHO, 1988, p. 251).

A memória dentro do romance tem uma importância fundamental. A protagonista Berenice se vale dessa estratégia para apresentar aos leitores as questões experimentadas por sua família. A narradora fala de um lugar ocupado por ela no interior do seio familiar, não de expectadora, mas de alguém que viveu, juntamente com Marina os seus dramas. Os acontecimentos narrados são encadeados sucessivamente como aconteceram, favorecendo a compreensão do leitor e fazendo-o mergulhar na trama. Essas memórias são o cerne do romance, portanto. Para o encadeamento da mesma, é preciso destacar o uso das formalidades do texto, como o tempo verbal (pretérito perfeito) presente na construção narrativa, justificando essa proximidade entre passado e presente. Lima (2005), em sua Dissertação, considerando outras particularidades importantes de **Liberdade para as estrelas** (1988) relata que: “O texto como um todo, é constituído de organização

gramatical, estrutura lexical, informações e pressuposições condicionadas às práticas sociais” (LIMA, 2005, p.64).

Resgatando esta construção conteudística, ressalta-se que a intimidade com que a autora apresenta Marina e Berenice, imprime maior credibilidade às memórias relatadas por esta. Se ambas não tivessem esse tipo de relacionamento não justificaria as descrições dos fatos como foram feitas, assim como a própria sucessão cronológica dos acontecimentos que foi mencionada anteriormente.

Continuando a análise da memória em LPE, é relevante apresentar outro trecho da reflexão de Santo Agostinho (entre 397 e 401 d.C.) que contribui para confirmar a importância da memória na construção integral do indivíduo. O que constitui Marina e sua família enquanto pessoas não são apenas os fatos vividos por eles, mas a estruturação estabelecida a partir dessa conexão – fato vivido/memória. Assim, segundo o santo/autor a memória é fundamentalmente um lugar de encontro e afirmação de si mesmo onde se buscam as causas da vida presente. E Santo Agostinho (entre 397 e 401 d.C.) completa essa definição:

Tudo isto realizo interiormente, no imenso palácio de minha memória. Ali eu tenho às minhas ordens o céu, a terra, o mar, com todas as sensações que neles pude perceber, com exceção das de que já me esqueci. Ali me encontro comigo mesmo, e me recordo de mim e de minhas ações, de seu tempo e lugar do estado de espírito em que estava, e dos sentimentos que me dominavam quando as praticava (SANTO AGOSTINHO, [entre 397 e 401 d.C., p. 184]).

São essas memórias que permeiam todo o romance em busca do resgate das raízes familiares. O intuito desse resgate é levar para as gerações futuras as vivências de um tempo remoto, não somente as glórias, mas também as dificuldades e os anseios. Tudo isso é o que constitui a identidade de uma pessoa ou de um povo. É o que diz Renato Janine Ribeiro no texto **Memória de si, ou... .**

O desejo de perpetuar-se, mas mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória. Lembre-se Aquiles: já os gregos pensavam na opção entre uma vida longa e pouco notável ou uma vida breve, porém seguida de glória imorredoura! O que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos [...], *a posteriori*, reconhecido por uma identidade digna de nota (RIBEIRO, 1988, p. 35).

Trazer as memórias significa reviver momentos da própria vida ou da vida de outrem através de seus objetos, seus pertences, de seus gestos, de suas palavras.

Elas possibilitam eternizar momentos vividos, como “Marina observa tudo, recorda [...]. Vejo-a à soleira da casa, o varandão cercado de trepadeiras que seu olhar comprido atravessa, perscrutando os verdes” (RAINHO, 1988, p.11).

Pouca importância, às vezes, é dada a esses objetos: cartas, postais, bilhetes, capas de livros e tantos outros que carregam em si as vivências das pessoas. Muitas vezes tais pertences são preteridos aleatoriamente sem que seus donos imaginem que a história está sendo desprezada também, até mesmo a narrativa da vida do proprietário. É necessário um olhar mais criterioso e cuidadoso sobre o descarte de objetos, cuja ação pode desviar histórias preciosas da vida das pessoas. A autora parece ter tido esta consciência não somente por que expõe essa temática no romance, mas também por que sua vida e história pessoal são, potencialmente, preservadas quando seus manuscritos são doados ao MAMM.

É nesse sentido que José D’Assunção Barros (2012) explica o significado das fontes históricas no texto de mesmo nome,

Fonte histórica [...] é tudo aquilo que produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano. [...] são fontes históricas [...] documentos textuais [...] como também quaisquer outros que possam nos oferecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o presente do historiador (BARROS, 2012, p. 130).

Sendo assim, são as memórias de Berenice que alimentam o presente de Marina e do filho Alex depois de tudo o que viveram. O fragmento abaixo exemplifica como as lembranças do passado são essenciais para compor o momento atual daqueles personagens. A própria Berenice se emociona ao lembrar dos fatos vividos.

Naquela semana ainda, vieram Marina e Alex, a meu chamado e por eles próprios, loucos nós três para nos vermos. O que contar mesmo, da longa ausência, não era tanto. A frequente correspondência quanto a assuntos familiares normais transmitia muita coisa, sendo a nota mais pesada, que não quiseram dar a distância, a da morte de vó Dinha, triste vazio. Alex trouxe a mala de postais. Bem acondicionados, separados por assuntos. Repassados os de um pequeno lote, aqueles de que mais gostara. Entre eles, uma vista de Adelaide, cidade pitoresca, junto à foz do rio Darling. A visão sacudiu-me as emoções. Hans levou-me até lá, tanto eu lhe chamava a atenção para a incidência do nome com o de minha tia querida do Brasil. Reportando-me ao fato, Marina, lembrou do que lhe contara Breno na última oportunidade em que estiveram juntos: o sargento do dia tinha grande implicância com seu nome – “Breno?! Por que não Bruno de uma vez” (RAINHO, 1988, p. 264).

Como já foi dito anteriormente, e aqui retomado propositalmente, as memórias são um elo entre esse passado e o presente e não cabe, nesse elo, emitir juízos de valor, não é possível julgar Breno por sua militância política, Marina por manter-se tão sóbria diante de tanta adversidade ocorrida em sua vida ou questionar a homossexualidade de tio Álvaro⁶, por exemplo. Os fatos sejam, no passado ou no presente, ocorrem por razões próprias no contexto histórico, social e familiar.

Michael Pollak, outro estudioso da memória, no texto *Memória e identidade social*, afirma que “*a priori*, a memória, parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo próprio da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 201). Mas nem sempre é dessa forma que acontece. No caso do romance LPE, as lembranças não estão presentes apenas na memória de Marina ou de Berenice, mas abrangem grande parte da família, pois todos, de certa forma, sofreram as consequências desses acontecimentos. Sendo assim, o posicionamento do filósofo e sociólogo Maurice Halbwachs (2003) se aplica de maneira mais adequada à esta reflexão, uma vez que a memória é pensada como coletiva e social, a saber:

Para confirmar uma ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra. [...] Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a seqüência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas [...] (HALBWACHS, 2003, p 31).

No fragmento, a seguir, a escritora retrata como algumas das personagens se apresentam na memória da trama por meio dos diálogos travados entre a parentela e Berenice, recém-chegada da Austrália, eles revivem os acontecimentos por meio da oralidade:

– Álvaro tornou-se homossexual, Berenice. Não é de hoje que anda com Breno e ninguém sabia.
 – Não acredito!!! – respondi, mais incrédula que nunca, cobrindo o rosto por espanto, horror, vergonha, nem sabia mais o quê.
 Tia Adelaide abraçou-se comigo, tentando reconciliar-me:
 – São coisas da vida, minha filha, o mundo está cheio disso. Agora um pedido te faço: nem por sonho queremos que Marina saiba, pelo menos no período da gravidez. Vamos deixá-la na ilusão que está àquela que se habituou: Breno está preso, a qualquer hora aparece, assim que tio Álvaro chegar...
 Depois tio Dagoberto retomou a palavra:

⁶ Tio Álvaro assumiu a homossexualidade depois de ter sido abandonado pela esposa e ter tentado, em vão, reconstruir sua vida afetiva. A constatação dessa homossexualidade é o último parágrafo do enredo em que os dois, Breno e Álvaro, são vistos de mãos dadas.

– A coisa é de bastante tempo, menina. A gente não comentava porque não convinha. É assunto particular e delicado, também ainda não tinha atingido a família. Creio que não deu mais que um ano do tumultuado período de namoro e noivado mas, o cunhado sempre muito discreto, com a postura e linha que tanto prestígio lhe deram e dão, quem havia de dizer? (RAINHO, 1988, p. 240).

O diálogo acima reafirma esse envolvimento quase indissociável entre a memória individual e a coletiva; cada uma das personagens possui suas lembranças individuais sobre os acontecimentos, uns com maior, outros com menor riqueza de detalhes, mas todos possuem a base dessas lembranças, constituindo, assim, a memória coletiva comum a esses familiares.

Uma imagem figurativa que auxiliaria a composição desse cenário é, a aproximação dos elementos como se as memórias individuais fossem retalhos e o elo que costuraria uns aos outros seria a memória, formando uma colcha de retalhos associada à ideia de memória coletiva. E os retalhos foram usados no sentido de representar a diversidade de lembranças a partir de cada olhar, ou seja, essas diferentes percepções que cada membro do grupo vislumbra favorecem que as lembranças sejam múltiplas e não uniformes. Assim, a possibilidade de que elas se perpetuem é mais completa, pois a riqueza de detalhes dessas memórias será maior, ainda que haja pequenas diferenças entre os relatos de um membro e de outro sobre a mesma percepção.

Segundo Halbwalchs, a memória coletiva constitui um fenômeno envolvido no campo da percepção;

[...] quando essa lembrança reaparece, não é consequência de um conjunto de reflexões, mas de uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço (HALBWACHS, 2003, p.53).

Halbwalchs (2003) em alguns momentos utiliza o termo flutuar para também determinar essa ação. O fragmento a seguir do romance é uma síntese dos acontecimentos vividos por Marina, narrados sob a ótica de Berenice, que acompanhou esses episódios e não os viveu como os demais membros da família, pois morava em outra cidade e depois foi residir em outro país. Ela era a própria testemunha (no sentido literal da palavra) necessária, segundo Halbwalchs (2003), para recordar ou confirmar uma lembrança.

Pensava na prima tão sofrida, a lua-de-mel abruptamente interrompida ou que nem mesmo existiu, a neurose do marido com os acontecimentos, a pingueira do quarto, o vizinho massacrador e vingativo, prevalecendo-se de sua posição militar. Ah! Já havia sofrido tanto e estava sofrendo e ainda por cima grávida. A mudança repentina, a casinha do bairro, Zina, a tartaruga – tudo baralhado em minha mente, afugentando o sono. Por mais que eu amasse crianças – chorei de emoção ao ombro de tia Lúcia, quando soube do nascimento do pequenino Jean – a gravidez de Marina preocupava-me sobremodo. Estava farta de saber dos traumas que a mãe pode transmitir ao bebê em gestação e ela estava traumatizadíssima: além de tudo tivera que assumir a casa, o trabalho, a vida sozinha. Seria bom que continuasse ignorando o destino do marido? Fiz-me a pergunta, dormiu em minha mente ou na língua e, ao acordar, logo à mesa do café tinha-a pronta para passar aos tios (RAINHO, 1988, p. 235).

A memória é muito importante, seja ela individual ou coletiva, para se compor uma história, ainda que através de narrativas orais ou escritas. É o que o leitor de Cleonice Rainho, possivelmente, terá a oportunidade de perceber na obra **Liberdade para as estrelas** (1988), quando por meio do relato de Berenice conseguir criar a imagem da família que é envolvida nos acontecimentos.

Outro fato importante para se levar em consideração, quando se pensa em memória, é a questão do tempo e isso está intimamente associado às memórias individual e coletiva. É notório que a preservação de lembranças será mais eficaz se tiverem mais pessoas envolvidas na construção destas lembranças. Mas, em contrapartida à memória de acontecimentos passados (dias, meses, anos e décadas), instantes podem ser revisitados em *flashes*, num infinitesimal da curva do tempo, para usar as palavras de Henri Bergson (1999). E isso vai depender do quanto o fato foi relevante para quem o vivenciou.

O historiador francês Paul Veyne (1998), no livro **Como se escreve a história**, explica essa relação da seguinte forma:

Como o romance, a história seleciona simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos. (...) Esse limite é o seguinte: em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios (VEYNE, 1998, p.18).

O que seria dos humanos sem suas memórias? Por isso, ressalta-se a grande relevância da manutenção de objetos, cartas e outros documentos que favoreçam a perpetuação da história em forma de memória. Assim como no romance LPE, que utiliza a tradição oral juntamente com esses artifícios para construir as memórias

familiares, é necessário que, na realidade, a preservação das memórias seja uma atitude levada a sério pelas entidades governamentais.

De acordo com o **Dicionário de termos literários** (2013), o verbete memória, traz a informação de que:

[...] as memórias distinguem-se por constituir um relato na primeira pessoa do singular que visa à reconstrução do passado com base nas ocorrências e nos sentimentos gravados na memória, segundo as duas formas (a voluntária e a espontânea) que pode assumir (MOISÉS, 2013, p. 289).

Dialogando com esta premissa básica e ampliando mais o conceito, na obra **História e memória** (1990), Le Goff afirma que a “Memória é entendida, [...], em sentido muito lato. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos” (LE GOFF, 1990, p. 368). E partindo do princípio de que a memória é base e sobre ela se inscreve o encadeamento lógico, podemos afirmar que LPE estabelece sua relação com o conceito.

Marina, a protagonista, tem a base da memória em sua inteligência, uma vez que os fatos aconteceram com ela e sua família, e esses acontecimentos vividos - o envolvimento com Breno, o noivado, o casamento, os problemas políticos - foram encadeados de maneira lógica, concatenada por Berenice, sua prima, quando elabora o enredo na perspectiva de *flashback*, recuperando esses fatos e acontecimentos nas lembranças de Marina e familiares. Berenice refaz o percurso memorialista, por exemplo, quando conta aos tios, cronologicamente, como os eventos da vida de Marina se deram. Portanto, as concatenações que Le Goff (1990) menciona são as memórias revisitadas por Berenice e narradas em *flashback*.

Sendo assim:

Liberdade para as estrelas é, pois, um romance de memória, com ampla aplicação dessa faculdade. A autora usou da memória da personagem-narradora para criar seu universo ficcional e recriar o real, por meio da estabilização do contexto imaginário, que reuniu os fios dispersos da realidade num todo bem estruturado (LIMA, 2005, p.79).

Essa é a opinião de Lima (2005) nas Considerações Finais de sua Dissertação de Mestrado. Essa opinião sobre a construção do romance é coincidente com a já mencionada, especialmente nessa seção.

Considerando a importância da preservação da memória, uma forma de fazê-la é pesquisando manuscritos e datiloscritos e disponibilizando-os à pesquisa pública. A próxima subseção se destina a esta elucubração, dialogando com estudiosos que, não só pesquisam, mas valorizam esses materiais.

3.1 OS MANUSCRITOS: UMA QUESTÃO DE RESGATE E PRESERVAÇÃO

Acrescendo à pesquisa, tornou-se necessário um maior diálogo com o setor de pesquisa do Museu de Arte Murilo Mendes que mantém, sob custódia, a obra da autora. Esse diálogo aconteceu com a já mencionada funcionária Lucilha Magalhães no espaço virtual, por *e-mail*, e pessoalmente, quando a pesquisadora estava *in loco*, com o objetivo de colher dados sobre os manuscritos de Rainho e da obra pesquisada.

Num determinado momento da investigação, foi necessário saber como ocorreu a captação dos arquivos de Cleonice Rainho pelo MAMM. Para a aquisição dessa informação, foram utilizados *e-mails* com as seguintes solicitações para os quais houve posterior resposta, registrada no ANEXO D: Como ocorreu a captação do arquivo? Em que fase de organização se encontra o acervo? Como e por quem foi feita a doação do dossiê documental da referida escritora?

Num segundo momento, foram necessários outros esclarecimentos, que se encontram apontados no ANEXO E. Neste *e-mail*, Magalhães informou que o acervo de Cleonice Rainho foi doado por sua família (seus filhos) Fernando Antônio Rainho Thomaz Ribeiro e Luiz Flávio Rainho Thomaz Ribeiro. O contrato de doação foi assinado em 12 de março de 2010, quando a escritora ainda estava viva, porém, em estágio avançado de doença. O fundo foi entregue ao MAMM com o material que estava de posse da família de Cleonice Rainho, que desejava doar tudo em uma única vez – livros e documentos. E como já foi dito e endossado pela funcionária, encontra-se em bom estado de conservação, tanto o documental quanto o bibliográfico. O acervo está em fase de finalização organizacional, com previsão de término em dois ou três meses (datado do último *e-mail* enviado – 2 de maio de 2018). Estão sendo realizados os arranjos e quantificação do dossiê documental. E o acervo bibliográfico está com sua catalogação interrompida, em virtude da ausência de bibliotecária no MAMM. Apenas alguns livros encontram-se disponíveis para consulta pública, algo em torno de 1%.

A organização do acervo é de suma importância para o pesquisador, e a forma como ele está ordenado em uma instituição direciona o olhar para a obra, para o manuscrito, para a correspondência e para a obra de arte. É a partir dessa organização, ou não, que o escritor ganha ou não, um expoente. Conforme Cury,

À forma como está organizado um acervo, às vezes até sua aparente **desorganização**, sobrepõe-se como uma transparência, o perfil de seu titular. *Ler* um acervo, recuperar a **iluminação** de seus arquivos é debruçar-se como crítico por cima dos ombros do escritor, procurar flagrá-lo no momento da escritura (CURY, 1993, p. 90, grifo da autora).

No dossiê genético das produções de Rainho, encontram-se 2 (dois) datiloscritos do romance **Liberdade para as estrelas** (1988), vários recortes de jornais sobre a crítica literária (ANEXO F – como amostragem), editorial de livros, anúncio de lançamento do livro LPE e convite de lançamento do mesmo, muitos manuscritos em pequenos pedaços de papel que retratavam a espinha dorsal do romance mencionado. Ainda registradas nesses papéis existiam várias informações sobre a construção dos personagens (ANEXO G), possíveis títulos (ANEXO H), relatos sobre o contexto histórico até mesmo análise psicológica de uma das protagonistas (ANEXO I).

Esses manuscritos autógrafos foram registrados em pedaços de papéis disformes (retalhos como envelopes abertos, versos de receituários médicos e papéis avulsos) utilizando caneta azul e lápis.

A caligrafia de Cleonice Rainho é, na maioria das vezes legível, embora algumas palavras ficassem comprometidas por abreviações e até mesmo pela ilegibilidade de alguns registros. Em alguns momentos foi necessário recorrer à lupa para compreensão dos registros.

Nesses pequenos pedaços de papéis, a autora de LPE indica uma numeração, que num primeiro momento parecia ser a numeração de páginas do romance e o parágrafo ao qual pretendia se referir antes de fazer suas anotações, porém ao comparar as páginas impressas da obra, observou-se que esses relatos não correspondem ao assunto descrito, mas estão presentes no conteúdo da obra, sem comprometê-la como uma das versões. Essas anotações ajudam a compreender o caminho psicológico percorrido por ela, mesmo que a ordem cronológica não estivesse ali respeitada.

Segundo o filósofo francês Philippe Artières (1998) no ensaio Arquivar a própria vida,

[...] o arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano (ARTIÈRES, 1998, p, 14).

Esse arquivamento feito por Rainho em relação aos documentos do romance é um excelente material para esta pesquisa e para tantas outras que poderão surgir, já que as informações encontradas nesses papéis fazem toda diferença para a compreensão da obra em seus detalhes.

Depois de alguns dias de investigação no MAMM, foram registradas algumas particularidades sobre o datiloscrito do LPE. Tais como: todos foram datilografados em máquina de escrever, em papel A4 e reunidos na íntegra pelos furos no centro da margem esquerda da folha e presos por grampos de ferro tipo “macho-fêmea”, numerados à mão na parte superior da página. Algumas folhas foram fotocopiadas, pois os furos não estavam vazados. Em uma delas, ao ser fotocopiada, foi inutilizada uma parte - a superior do papel - mas não houve perda de conteúdo. Foram localizadas algumas poucas variantes entre as versões, como, por exemplo: há, no datiloscrito o nome de alguns militares abreviados e no romance estes nomes estavam escritos por extenso. Depois de cotejar, como amostragem, os dois datiloscritos e o romance impresso não foram localizadas grandes modificações. Interessa, entretanto, comentar que algumas alterações significativas foram observadas à primeira página do romance. Onde está registrada a descrição de Berenice, foram localizadas alterações após o cotejo entre o manuscrito autógrafo e o datiloscrito. Esse cotejo, com suas variantes foram apresentados numa parte destinada particularmente a esse fim, por entender que este tipo de pesquisa genética seja relevante para avultar a fortuna crítica da produção cleonicianiana.

Sobre a importância do processo de criação do texto, Maria Zilda Cury explica, no fragmento abaixo, qual a trajetória devemos utilizar para se chegar ao texto final.

[...] a estética da recepção e a historiografia literária acabam por se tornar interlocutoras importantes da teoria e da crítica literárias uma vez que os

vazios do **prototexto**, do manuscrito, da correspondência podem ser preenchidos, aclarados, colocados em tensão com o assim chamado **texto final**, com as obras posteriores do autor, recuperando, inclusive, os modos de leitura de determinadas épocas (CURY, 1993, p. 82, grifo do autor).

É por meio da pesquisa em Crítica Genética que muitos autores e obras que estavam esquecidos, ganham vida. Essa importante teoria é capaz de desvendar segredos, descobrir enigmas textuais, pois estuda a gênese textual, ou seja, o processo criativo. Dessa forma sua aplicação num texto literário, por exemplo, pode fazer toda a diferença para a análise do texto final e assim favorecer o resgate memorialístico. A alma do escritor, suas vivências, convicções e experiências ganham vida e considerável relevância quando são colocados em destaques por meio dos estudos sobre a gênese do texto.

Por meio dos manuscritos de LPE foi apresentada uma Cleonice Rainho, abordando questões que extrapolaram a dinâmica do romance impresso. Na versão impressa, Marina e Breno mantêm um namoro frio e distante no que diz respeito ao amor carnal, sexual, conservado depois do casamento. Ela era uma jovem sonhadora que, entretanto, não demonstrava ímpetos sexuais nem mesmo pelo futuro esposo. Aparentava desejar relacionamentos firmados no companheirismo, no apoio, no respeito e na fidelidade sem se importar com o sexo.

Porém, no manuscrito autógrafo, localizado no MAMM, é possível perceber uma relação mais calorosa entre ela e Breno. O fragmento a seguir ilustra por meio do diálogo travado entre ela e Berenice, a manifestação de uma Marina diferente da versão impressa, mais ardente quanto à sexualidade:

[...] Só um amor assim podia suportar a violência e a pressão do sexo, na volúpia da cúpula⁷. Marina nunca perdoou Bruno por sua voluptuosidade grosseira. Falávamos disso muitas vezes nos últimos tempos e então eu discorria sobre a violência do ato sexual em todos os homens e raças tomando homem como sentido genérico (RAINHO, 19--., Não paginado).

Para comprovar essa importante diferença, tem-se uma passagem no romance que mostra o quanto essas questões sexuais invasivas incomodavam a jovem. Enquanto procurava emprego, Marina conheceu um funcionário dos Correios que se interessou muito por ela, a prima o apelidou de Zé do Correio porque não

⁷ No contexto da citação o sentido que se espera da palavra é cúpula, mas foi grafada por Cleonice Rainho no manuscrito de maneira equivocadamente como cúpula.

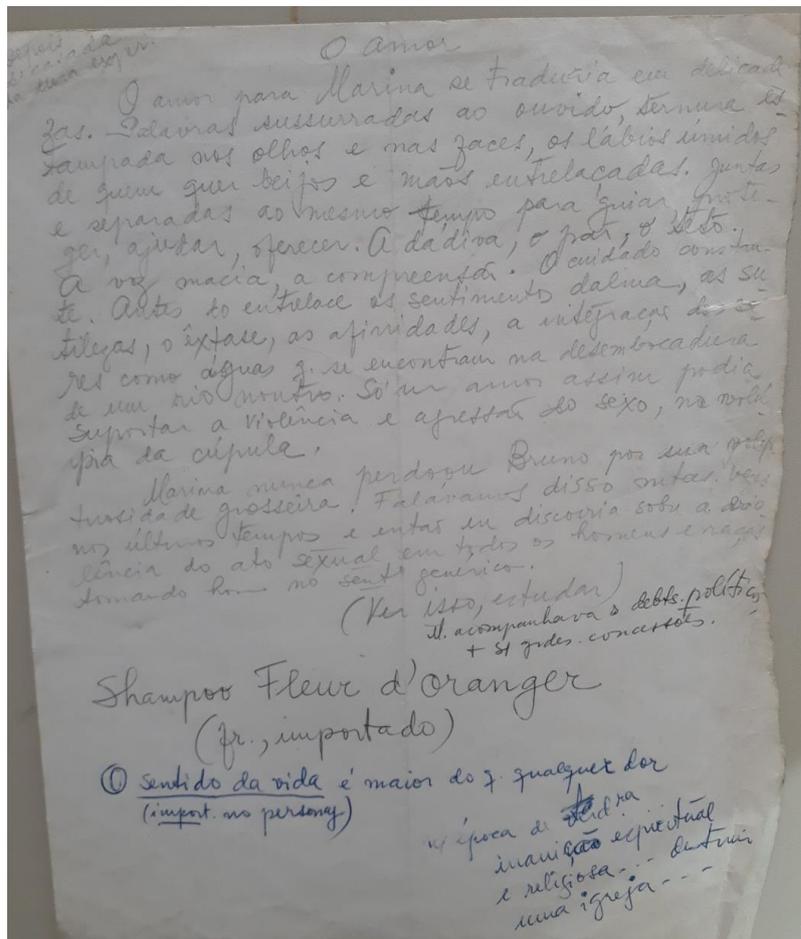
gostava do nome José Augustemiro de Souza. Esse convidou a moça para sair e lhe presenteou com uma peça íntima. Mas Marina não gostou, achou uma indelicadeza a forma com que o rapaz lhe persuadiu depois de um encontro:

Quando parou à porta do edifício, subiu a calçada, por sinal tranquila no momento. Entregou-lhe o presente. Abriu-o, largando a caixa logo, as faces enrubescidas mal viu as duas pecinhas íntimas que continha e ouvindo-lhe a voz cínica: “Para estrear no meu apartamento”.

Marina soltou o pino da porta e enfrentou sua ousadia com uma única palavra: “Grosso!”. Atingiu o saguão, bruscamente, seus instantes de pudor caminhando também, desfazendo-se na firmeza dos passos (RAINHO, 1988, p. 24).

Pode-se constatar no manuscrito autógrafo a seguir o exemplo desse deslocamento de perfis. Embora Marina fosse uma moça comedida e introspectiva, devido às circunstâncias do período, não fica tão claro no romance quais são seus anseios para uma relação amorosa.

Figura 1 – O amor



Fonte: Manuscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

Outro ponto levantado a partir do manuscrito que não é sustentado na versão impressa é a presença das drogas - morfina e heroína. Rainho, no último parágrafo da indicação número 182, registra que estas drogas “geram uma espécie de sono acordado, uma sensação de sonhos paradisíacos... indicação número 183 até o fim” (RAINHO, 19-- , Não paginado).

No manuscrito, a escritora sugere um desejo de desenvolver na trama, desde a indicação 175 até o fim da numeração 183, esta questão com as referidas drogas e principalmente os efeitos que elas causam no ser humano. Mesmo não estando presente nessa versão, o caminho percorrido pela autora é bastante interessante e pertinente para o contexto histórico, já que era comum entre jovens, especialmente os revolucionários, o envolvimento com entorpecentes: “uma pequena dose é capaz de fazer uma pessoa ficar viajando de 48h a 72h...” (RAINHO, 19-- , Não paginado). Ainda sobre o trecho em análise, o mesmo demonstra a grande diferença quanto ao comportamento da personagem Marina diante da situação. Primeiramente porque no impresso nem mesmo aparece quaisquer registros e depois porque o perfil traçado por Rainho no romance não permitiria uma leitura de Marina se envolvendo com qualquer tipo de droga. “(M. tinha vontade de tomar droga p^a conferir o q **queria** dizer. Então ia sair por aí procurando Bruno)” (RAINHO, 19-- , Não paginado, grifo da autora).

Essas reflexões, mesmo que não apareçam no prototexto⁸, auxiliam na compreensão do mesmo, pois alinhavam e encadeiam as ideias que justificam a pesquisa em Crítica Genética. Elas ajudam a traçar o perfil das personagens e a espinha dorsal do romance.

Diante disso, a importância dos estudos por meio dos arquivos é justificada, segundo Cury para:

[...] fazer ecoar as vozes, de novo cheias de juventude, dos escritores, embora já carregadas dos timbres da produção futura já conhecida do leitor. Pode significar adentrar a personalidade do escritor, na forma como organizou sua biblioteca, nos objetos que conservou, nos bilhetes de teatro que guardou e que nunca são mudos para o olhar atento que os escolhe e relaciona [...]. É de novo ouvir o aplauso do público ou acompanhar pela imprensa o percurso de determinada palavra (CURY, 1993, p. 90).

⁸ O trabalho com fontes [primárias] envolve o estudioso que procura e classifica poemas, crônicas, críticas saídas na imprensa, manuscritos, provas, marginália dos livros dos escritores, cartas, rascunhos, versões tantas vezes modificadas antes de se transformarem no ser de linguagem que é o livro que o leitor encontra nas livrarias ou consulta nas bibliotecas. O estudo do assim chamado **prototexto** (CURY, 1993, p.80, grifo da autora).

É dessa forma que se compreende como se desenvolveu a construção do texto do romance LPE e, de forma geral, como a Crítica Genética auxilia na compreensão do texto em suas várias versões. A obra acabada tem outro sentido e esclarecimento depois de se analisar datiloscritos e manuscritos.

A próxima subseção tem por finalidade apresentar as diferenças existentes entre algumas versões, a fim de que o leitor tenha conhecimento, ainda que por amostragem, como ocorre o processo de criação dos escritores, no caso de Cleonice Rainho no romance **Liberdade para as estrelas** sob a proposta da Crítica Genética.

3.2 O MANUSCRITO E O IMPRESSO

A pesquisadora abordou nesta subseção, a título de amostragem, o cotejo das duas primeiras páginas do romance **Liberdade para as estrelas** (1988), entre as versões impressa, duas datiloscritas⁹ e uma versão autógrafa. Foi utilizado esse trecho do romance e do manuscrito, pois tiveram diferenças significativas, o que não aconteceu com o restante da obra. Para esse cotejo, foram determinados alguns critérios para o estabelecimento do texto crítico:

- a) foram utilizados quadros com o material que estava de posse para registrar o aparato genético por amostragem;
- b) foram mantidas a ortografia e a acentuação vigentes à época;
- c) as rasuras silenciosas¹⁰, as supressões e acréscimos de palavras foram marcadas de amarelo;
- d) a primeira coluna contém o texto manuscrito autógrafo (MA), eleito como texto-base que representa o primeiro registro;
- e) a segunda coluna e/ou do meio será a versão impressa do romance (VI);
- f) e a última coluna será denominada versão a lápis (VL) são observações feitas por Cleonice Rainho, acrescentadas, posteriormente, no manuscrito autógrafo.

⁹ Entre as duas versões datiloscritas e a impressa não foram encontradas diferenças, por esta razão não houve necessidade de formar um quadro para a versão datiloscrita.

¹⁰ Rasura silenciosa consiste em não decodificar o que foi registrado num manuscrito por várias razões das quais citamos duas: intervenção de insetos de papel e rasura sobre rasura (SALLES, 2008).

Quadro 1 – Quadro comparativo

Manuscrito autógrafo (MA)	Versão Impressa (VI)	Versão a lápis (VL)
Acordar imagens na lembrança, cicatrizes q. estão vivas, doendo ainda, doendo.	Acordar imagens na lembrança, cicatrizes que estão vivas, doendo ainda?	
Ai! Não sei porque aconteceu aquilo, não sei.	Nem sei porque aconteceu tudo aquilo.	
	<p>Foi demais.</p> <p>Marina se surpreende, interrogativa, levantando dúvidas, às vezes afirmando.</p> <p>E teimando em ver tudo, teimando, não é de hoje que insiste nessa volta.</p> <p>O filho Alex ao lado, já rapaz, desperta minha atenção para a estatueta do jardim:</p> <p>– Bê, olhe só é o fino. Mulher bonita até na estátua me balança.</p> <p>Quis fazer-lhe a apologia de Vênus de Milo, descrever-lhe a deusa.</p> <p>Mas, sei, é ainda pouco dado a esses lampejos de cultura, e aperta o passo para apanhar a mãe, eu também.</p> <p>Ouvimos as palavras saindo-lhes como o ar de seus pulmões:</p>	
Fernão de Magalhães em sua volta ao mundo foi diferente, o coração alegre pelo fervor das descobertas, o espírito alimentado pela aventura.	– Fernão de Magalhães, em sua volta ao mundo foi diferente, o coração alegre pelo fervor das descobertas.	
	Costear terras desconhecidas, navegar novos mares, enfrentar os nativos, dominá-los.	
Guliver também em suas viagens, ah, Guliver.	Gulliver também em suas viagens, já ouviu falar em Gulliver, Alex? Pensa que o filho está por perto, tão absorta em seus pensamentos, mas	

	<p>já está na sala, a mexer no armário de antigüidades. E continua a expressiva locução: - Gulliver, ah, Gulliver</p>	
Camões muito além da Tramontana.	E Camões, “ainda além da Taprobana”.	
Porque há dar voltas, voltear e voltar.	Porque há dar voltas, voltear, voltejar e voltar.	
A gramática, a linguística nos abonando.	A linguística abonando um e outros casos.	
Num e noutros casos.		
Mas o caso agora é esta saudade	<p>Mas o caso agora é esta volta, a saudade que me traz aqui. Jurei que voltaria um dia, minha idade feliz, redescobrir tudo. Voltaria num dia de sol, a canoa em que andei o rio da infância, o circo no parquezinho do Aerado. Está me ouvindo, Berenice, está? Só não quero voltar ao tumulto de minha mente daquele outro tempo que você testemunhou, as palavras em ebulição dentro de mim, a excitação contida. Ouço-a e aprecio sua lucidez, até milagrosa depois da dura refrega. Ainda há pouco fui mordida pela lembrança de Fernão de Magalhães, a língua coçando para acrescentar o que sabia: descobridor do Pacífico, quis demonstrar a esfericidade da Terra, cumprindo seu largo círculo de viagens. Mas não abro o diálogo. Estar só – entregar-se a si mesma e às evocações, dizer o que quer – fazer – lhe bem.</p>	

	<p>Como está impressionada com a volta, até gostaria de lembra-lhe que seu herói, Fernão de Magalhães, não voltou. Nem ao berço, Trás-os-Montes, nem à Espanha adotiva combatido e morto pelos nativos das Filipinas.</p> <p>Admira essas coisas, lê muito, sempre disse que precisa ter nível cultural para manter-se em equilíbrio interior, atingir seus ideais.</p> <p>Sem mais explicações.</p> <p>Respeito-a, gosto dela assim como é.</p> <p>Lucrei muito nesse convívio, das primas e mesmo entre as amigas a mais intelectualizada.</p>	
Saudade que [trazia] Marina aqui.		
Tia Alice não vive mais, apagado o braseiro de todos os fogões.	-Tia Helena não vive mais, apagado o braseiro de todos os fogões.	
Zé Custódio foi o primeiro, seu Scânia sacudindo tudo, a sarabanda dos galhos nas arvores entortando a paisagem nas tardes de ventania.	Alex diz que tio João foi o primeiro, seu fordeco sacudindo tudo, a sarabanda dos galhos das árvores entortando a paisagem nos dias de ventania.	
A mana Zezé está de dentadura nova, cabelos retintos há muitos anos.	A mana leié está de dentadura nova, os cabelos retintos de muitos anos.	
A prima Nilce tornou-se uma coisa rastejante.	Prima Dulce tornou-se uma coisa rastejante, a paralisia arrasando-a – Marina observa tudo, recorda.	Mais adiante foi que veio a paralisia de Nilce. No fim trazer n. p/ morar c/ ela
No momento vejo-a à soleira da casa, o varandão cercado de trepadeiras, o olhar comprido perscrutando os verdes.	Vejo-a à soleira da casa, o varandão cercado de trepadeiras que seu olhar comprido atravessa perscrutando os verdes.	Mas o que mais sentiu foi saber da morte de Alice. Era a única a saber seu segredo e lhe

		segredou 2 palavras quando lhe contei, [] dignidade e Deus
	Conversando, talvez, com a estatueta de terracota do centro do repuxo. Já encanecida, não obstante não ter ainda quarenta anos, as faces flácidas, caídas sem vida - a juventude uma página apagada, a velhice despontando precocemente, novo livro a ser compulsado, lido.	
Mas não posso desprezar-me da imagem forte que acompanhei pela vida, vizinha de [] apartamento quase sempre fechado duas criaturas recolhidas em seu recesso.	Mas não posso desprezar-me da figura que acompanhei pela existência e aprendi a admirar: menina e mocinha nas férias da fazenda, em casa de tia Adelaide, depois em São Paulo.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Segue em sequência um fôlio do manuscrito a fim de propiciar uma melhor visualização do documento.

Foi possível observar, elaborando o quadro comparativo, que existem variantes significativas entre as três formas com que o texto foi apresentado, mas essas diferenças não mudam os sentidos entre as versões e nem comprometem a compreensão da narrativa. Vale ressaltar que o nome da personagem sofreu alteração da versão autógrafa para a versão impressa. Na primeira era denominado Bruno e na segunda seu nome era Breno.

Outras diferenças encontradas merecem destaque. Nos manuscritos autógrafos, Cleonice apresenta um relacionamento, entre Breno e Marina, caloroso, voluptuoso, às vezes grosseiro, conforme citação: “Marina nunca perdoou Bruno por sua voluptuosidade grosseira. Falávamos disso muitas vezes nos últimos tempos e então eu discorria sobre a violência do ato sexual em todos os homens e raças, tomando homem no sentido genérico” (RAINHO, 19--., Não paginado) (ANEXO J), porém na versão impressa essa relação não foi registrada, Breno é sempre frio e distante de Marina: “Despediram-se secamente e ela entrou no apartamento, as primas ainda às voltas com os estudos” (RAINHO, 1988, p. 87).

Importa, nesta subseção, o que representa a obra impressa de **Liberdade para as estrelas** (1988) na opinião da pesquisadora Lima (2005), uma vez que a mesma teve o cuidado de valorizar não só a obra como a autora em sua pesquisa. Essas ponderações encontram-se nas Considerações Finais de sua Dissertação.

A ficção de Rainho possui alto nível estético, riqueza imaginativa, situações com significados profundos, relacionados com a expressividade dos contextos verbais.

A valorização estética, uma de suas marcas mais significativas, situa a obra entre as de grande poder e precisão verbais, ligadas à grandeza da observação, perspicácia e riqueza de ideias.

O prazer estético que desperta a narrativa da escritora mineira integra, no seu âmbito, sofrimento, simpatia, aprovação e reprovação com que o leitor reage ao vivenciar os fatos.

Liberdade para as estrelas constitui, realmente, uma obra de arte que passa ao leitor a riqueza inserida no seu contexto, distanciando-o e, ao mesmo tempo, aproximando-o da realidade (LIMA, 2005, p. 79).

Corroborando estas reflexões, a seção posterior apresenta o clima de tensão que constitui o enredo. O período ditatorial, por exemplo, justifica essa tensão e as relações entre as personagens que também favorecem essa atmosfera. Relações estas em que a figura feminina se manifesta como uma importante voz no contexto de

exceção e nos vínculos afetivos, feitos e (des)feitos entre os atores do romance, como o casamento e a maternidade.

4 ESPAÇO DE TENSÃO NO ROMANCE

Como já foi dito em seções anteriores, o romance é ambientado no período ditatorial brasileiro e esse momento político influenciou enormemente a vida dos cidadãos que viveram nele e também os posteriores, o que justifica o título dessa seção como espaço de tensão.

Como introdução, é necessária uma breve explicação sobre o que foi a Ditadura Militar no Brasil para que se possa entender suas implicações na trama.

Na madrugada do dia 31 de março de 1964, um golpe militar foi deflagrado contra o governo legalmente constituído de João Goulart. A falta de reação do governo e dos grupos que lhe davam apoio foi notável. Não se conseguiu articular os militares legalistas. Também fracassou uma greve geral proposta pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) em apoio ao governo. (...) Nos primeiros dias após o golpe, uma violenta repressão atingiu os setores politicamente mobilizados à esquerda no espectro político. (...) Milhares de pessoas foram presas de modo irregular, e a ocorrência de casos de tortura foi comum, especialmente no Nordeste. (...) Os militares envolvidos no golpe de 1964 justificaram sua ação afirmando que o objetivo era restaurar a disciplina e a hierarquia nas Forças Armadas e deter a “ameaça comunista” que, segundo eles, pairava sobre o Brasil (CPDOC - FGV, 2019, Não paginado).

É nesse ambiente que as personagens de **Liberdade para as estrelas** (1988) vivem seus dramas cotidianos, pessoais e coletivos.

Breno, o recém-marido de Marina, é um militante que está constantemente envolvido em situações conflitantes com a polícia. Foi preso várias vezes e sumiu em outras para garantir sua proteção. Na descrição dele apresentada no romance, o militante parecia ser uma pessoa comum, que trabalhava, que cuidava da noiva, era gentil e amável com as pessoas da família de Marina, mas quando o assunto era política demonstrava ser bastante intolerante. As consequências desses sumiços e prisões traziam um clima de incerteza e insegurança, principalmente para a noiva. Ela pensava em como seria sua vida matrimonial com todos esses acontecimentos que permeavam e também porque Marina não era adepta a esses envolvimento, procurava se manter distante dos fatos políticos em que Breno estava enredado. E assim como Marina, muitos dos familiares preferiam permanecer em silêncio diante desses acontecimentos – prisões, sumiços, envolvimento com policiais. No trecho a seguir é possível observar um dos envolvimento de Breno com a polícia.

Breno aparecera depois de uma semana. Estivera preso realmente, apanhado em flagrante, quando transportava informes sobre os abusos das multinacionais, resultados de pesquisas feitas em fichas sigilosas. Teve que prestar fiança e contar com o empenho de um amigo aviador. Estranhou o deslocamento da mesa do bar para os fundos, mas achou-o providencial. Diminuiu muito o volume da voz e os gestos se tornaram parcimoniosos. No maço de cigarro, para disfarçar, ia anotando alguns vocábulos-códigos, através dos quais se entenderiam dali para a frente. Bolara a coisa nos dias de prisão. Julgara mesmo um originalíssimo achado. Palavras com elementos em inglês e em português. Escolhera partículas fáceis que qualquer deles conhecia: pronomes, advérbios, conjunções. Assim general seria whogeneralshe, soldado whensoldadit... (RAINHO, 1988, p. 24)

Em algumas situações o silêncio era uma forma de proteção; muitos, como Marina, preferiam não demonstrar sua opinião para se preservarem. Dessa forma o silêncio é uma marca desse período. Para não terem problemas políticos, muitos cidadãos optavam por se calar, portanto, não era um silenciamento opcional, mas, de certa forma, protetivo. E é sobre isso que Eni Puccenelli Orlandi explicita no texto Maio de 1968: os silêncios da memória.

Falando de história e de política, não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos [...]
Os sentidos se constroem com limites. E quando penso em maio de 68, o que vem à frente da cena – política e histórica – é o silenciamento, são os sentidos que impõem limites. A tortura, a censura, a agressão da ditadura à sociedade, à cidadania (ORLANDI, 2015, p 53).

Essa era a realidade desse momento histórico – tortura, censura, agressão –, e isso era o receio de Marina e dos familiares com relação à vida de Breno. Por essa razão todas as vezes que o rapaz se envolvia com a polícia, tio Álvaro era chamado para solucionar a questão, soltá-lo da prisão ou encontrá-lo quando sumido.

O clima de tensão pairava no ar constantemente, mas Breno não se importava com isso. Ele não aceitava os pressupostos impostos pelo regime militar e brigava contra eles. A razão desses conflitos é explicitada por Eni Orlandi no trecho a seguir:

[...] esse sujeito, uma vez constituído, sofre diferentes processos de individualização (e de socialização) pelo Estado. [...] É nessa instância que se dão as lutas, os confrontos e onde podemos observar os mecanismos de imposição, de exclusão e os de resistência. No mundo todo há manifestações de rua em que uma discursividade candente trabalha os muitos sentidos postos na reivindicação das liberdades concretas necessárias em suas possíveis formas (ORLANDI, 2015, p. 55, 56).

No romance é bastante perceptível esse clima de tensão. No fragmento a seguir tem-se o relato de tia Lúcia – mãe de Marina – a respeito de como conduziu a vida após o marido ter sido exilado na França. Honório, o marido, era um deputado influente da Frente Ampla, foi um ferrenho sonegador da licença para a punição ao colega Marcio Alves e, juntos, amargaram o fechamento do Congresso, como diz Rainho logo no início do romance:

Tia Lúcia, com sua delicadeza inata, fez ponderações necessárias: a casa era muito visada, escutas rondando a qualquer hora. Só ela sabia durante esse primeiro ano, que lhe pesava como se fosse o décimo, a contenção, às recessões a que se submetera e a seus filhos a fim de continuarem a viver sem maiores problemas, com dignidade. Breno estava chegando vinha de outro contexto, ela julgava o Rio nesse ponto mais aberto, mais acessível. Em São Paulo ele deveria estar de sobreaviso, a cobra fumava mesmo, o pau descia assustadoramente por qualquer coisa, o menor deslize, o II Exército, atento a tudo não dava folga (RAINHO, 1988, p. 51).

Já no próximo trecho do romance tem-se o relato de uma prisão de Breno. A descrição comprova o clima tenso e violento que o período ditatorial impunha:

Seus momentos de calma foram logo sacudidos por um pelotão de choque que entrou pelo bar, numa vistoria agressiva. Acercavam-se de quatro jovens que estavam com alguns papéis abertos sobre a mesa. Num relance tomaram tudo e levantaram os rapazes a golpes de cassetetes. Estabeleceu-se o pânico num instante, muita gente gritando, vertebrando a injustiça e a maldade com os vocativos mais pesados, palavrões e vaias. Felizmente os dois e os companheiros, mais afastados dos pontos do motim, reservaram-se, assentados, e tão logo o proprietário ordenou o fechamento do bar, saíram sem consequências maiores. À porta do carro, os dois amigos pediram carona até à esquina da Barão (RAINHO, 1988, p. 86,87).

Marina estava rodeada de amigos e familiares que se envolveram em situações políticas, como o pai, Mario e o primo. Sentia, bem próxima a ela essa tensão, mas procurava ignorar. A angústia tomava conta dos que estavam ao redor, mas a protagonista precisava continuar sua vida, seus afazeres, sua rotina.

Breno mastigou em seco, tinha muito a dizer, mas não quis chocar o amigo, Aloísio e Mario presos (?) Honório deportado, Luíz Alberto ainda desaparecido, ele próprio mais de uma vez preso, torturado. Só Marina o fizera apaziguar-se um pouco, pelo menos aparentemente estava na rota da normalidade. E respondeu com o habitual “Tudo bem”, que o colega naturalmente não engoliu (RAINHO, 1988, p. 100).

O fio tensor dominava a todos e a inquietação fazia com que muitos buscassem soluções. Para Breno a solução estaria nas manifestações contra o

regime, mas para outros personagens a saída estaria em outro desfecho. É possível perceber isso no fragmento a seguir:

Como é que é, Marina Morena, sai ou não sai este casório? Tio Itagiba, você sabe, o médico da família e parteiro por acaso, está com o instrumental montado, esperando a jovem gestante para ver o Brenozinho que vem por aí. Precisamos de muitos Brenos para ajudar depressa esse país a safar-se da ditadura (RAINHO, 1988, p. 159).

Sentimentos presentes no período ditatorial, como medo, surpresa, insegurança foram traduzidos pela escritora Cleonice Rainho em **Liberdade para as estrelas** (1988). O romance transita entre os conflitos pessoais cotidianos das personagens e os que envolvem a política. E de acordo com Nelson Werneck Sodré, autor do prefácio do livro, “os longos anos de ditadura, no Brasil, foram pouco aproveitados como matéria de ficção” (SODRÉ, apud RAINHO, 1988, p.7). Mas Cleonice Rainho quebrou esse paradigma e escreveu uma obra ficcional fundamentada na realidade das famílias brasileiras. Ainda segundo ele, “Cleonice Rainho [...] colocou a ditadura no centro de sua narração densa, envolvendo problemas humanos, mostrando, com veracidade exemplar, o que foram os anos de treva que vivemos” (SODRÉ apud RAINHO, 1988, p. 7).

Esse clima tenso não cessava nem mesmo nos momentos mais significativos e festivos. Os envolvidos políticos precisavam ter cuidado e necessitavam de se preocupar com detalhes para que não fossem pegos pela polícia. Por exemplo, depois da celebração religiosa do matrimônio de Marina e Breno, Andréia e Clodoveu amarraram latas na traseira do veículo dos noivos, como de habitual costume, porém, o carro não era o de Breno, mas, sim, um fusca que o amigo lhe emprestara. No trecho abaixo há o relato da razão desse empréstimo.

Andréia e Clodoveu, de gaiatos, amarraram latas na traseira do carro. Era o mesmo fusca que o amigo emprestara a Breno, há muito sem o seu, não era conveniente que o tivesse, por razões de licença e registro. (Ô repressão danada! – ele se lastimava enfurecido) (RAINHO, 1988, p. 192).

Alexandre Garcia Araújo e José Alves Dias também expressaram sua opinião a respeito dos autores e a ficção no período da Ditadura Militar com a seguinte reflexão:

Não foram poucos os que registraram, por meios mais diversos, a experiência ditatorial e as diversificadas formas de violência cometidas sistematicamente pelo Estado autocraticamente dirigido por governos militares. Essas memórias registradas eram absolutamente conflitantes e, embora tenham sido escritas por indivíduos, representam grupos identitários tendo como cerne a relação estabelecida com o Estado de Segurança Nacional (ARAÚJO; DIAS, 2018, p. 123).

E como já foi explanado neste trabalho, na seção 3, as memórias são essenciais para construir a identidade individual e também a coletiva. E é assim que Rainho (1988), por meio da ficção, elabora as memórias da família de Marina.

Essas memórias só são oportunizadas, no romance, por intermédio de Berenice, a prima que conta a história vivenciada por Marina. Pode-se dizer que ela testemunha os fatos e, posteriormente, torna-os populares aos demais envolvidos. Isso garante ao grupo quais informações, dados e ações precisam ser guardados na memória. A decisão de como, quando e quais fatos devem permanecer nas lembranças dos familiares de Marina, está nas mãos de Berenice. Sua responsabilidade é enorme diante disso. Quando Berenice retoma essas lembranças no futuro, Marina retoma também os sentimentos vivenciados, e se posiciona em relação a qual fato deve ser mais enfatizado e qual deve ficar em segundo plano no registro da narrativa. Sobre isso fala Márcio Seligmann-Silva em seu texto Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes: “O testemunho possui um papel de aglutinador de um grupo de pessoas [...] que constroem sua identidade a partir dessa identificação com essa ‘memória coletiva’ [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 87, grifo do autor). Tal fato denota uma certa tensão para a personagem Berenice, pois recai sobre ela a responsabilidade da seleção memorialística. Como “guardião da memória”, nas palavras de Seligmann-Silva (2005), e decidir o que será lembrado, como isso se dará e em que circunstâncias, é um processo não muito confortável, portanto gerador de tensão.

Como pôde ser observado até aqui, Marina, Berenice, tia Lúcia e tantas outras mulheres presentes no romance fazem grande diferença no decurso da narrativa. Especialmente Berenice, porque promove o elo entre passado e presente. Maria do Rosário Moreira de Lima na sua Dissertação de Mestrado também corrobora essa ideia. O que fica explícito no fragmento: “A escritora deixa fluir em seu texto os momentos que marcaram a política brasileira na época da ditadura, por meio da personagem – narradora Berenice, que relata memorialisticamente os fatos do romance” (LIMA, 2005, p.33).

Assim como os acontecimentos são interligados entre as personagens, também as teorias de memória, teorias feministas e as questões pertencentes à tensão maternidade e casamento, que são frutos das seções 3 e 4 (e suas subseções), também o são. Não se tem como falar de memória sem relatar os momentos de tensão vividos, nem como relatar os acontecimentos da maternidade sem a tensão existente e todos eles relacionados à manifestação da construção da memória. Isso é para justificar que essas seções e subseções não tratam exclusivamente dos assuntos a que seus títulos lhe conferem. Sendo assim é possível a observação de que memória e tensão são duas palavras (e por consequência, definição) fundamentais dentro desse romance cleoniciano. Elas se misturam e se complementam dando à narrativa a direção pensada pela escritora. Berenice é a responsável pelas memórias e também por definir em Marina qual o fio tensor desses fatos vividos. Na obra **Memória e sociedade: lembranças de velhos** da escritora e psicóloga Ecléa Bosi, há uma reflexão interessante que valida essa afirmativa, o que diz:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1983, p. 17).

Mesmo tendo presente várias frentes de tensão, permeadas pelas questões da Ditadura Militar, pela militância dentre outras já citadas, não se pode afirmar que o romance seja denso no que consiste à difícil leitura e/ ao entendimento. Ao contrário a autora mescla bem essas questões dentro do cotidiano das personagens tornando o enredo interessante e de fácil acesso aos leitores.

Como as personagens femininas tem relevante importância na construção narrativa, será esse o foco de análise efetuada na próxima subseção.

4.1 O FEMININO E SUAS NUANCES NO CONTEXTO DE EXCEÇÃO

As personagens femininas têm uma importante participação no romance **Liberdade para as estrelas** (1988), pois elas são em grande número dentro do enredo, mas algumas precisam ser analisadas de maneira singular, são elas: Marina e Berenice as protagonistas, Lúcia – mãe de Marina -, Andréia e Sílvia – as primas. Mas importa também a análise da própria escritora Cleonice Rainho, que é uma exemplar mulher e escritora do século XX, que conduz o destino dessas personagens e outras mulheres do romance, deixando suas marcas pessoais nelas.

Inicialmente faz-se necessário um diálogo entre o romance e um viés da teoria feminista para determinar uma possível constituição da identidade feminina na obra. Segundo Constância Lima Duarte no texto *Feminino fragmentado*, essa identidade feminina se constitui da seguinte forma:

A constituição da identidade feminina, assim considerada e formulada pelos homens, estava completamente eivada de preconceitos e ideologias. Daí ter sido necessário esperar que as mulheres tomassem da palavra, se impusessem no espaço público, e pudessem, por fim, construir as próprias representações. Hoje sabemos que existiram escritoras, desde o começo do século XIX, que romperam com a rigidez do comportamento passivo imposto às mulheres. Também é conhecida a história da resistência dos homens a esta inédita movimentação, o *backlash*, na feliz expressão de Susan Faludi, aliás, sempre presente em todos os momentos da trajetória feminina (DUARTE, 2009, p.31).

Embora Cleonice Rainho não seja uma escritora do século XIX e, sim, do século XX, foi um exemplo de mulher que se apropriou da palavra para se fazer presente na história. Ela tem uma escrita com particularidades próprias que não se prendem ao que é imposto pelo homem. O fato de ela escrever sobre a ditadura é um exemplo disso, assim como dar voz às mulheres dentro dessa narrativa. Retomando as considerações das autoras Constância Lima Duarte e Kelen Benfenatti Paiva expressas na seção 2, os salões tiveram importância relevante no cenário literário e ainda oportunizaram às mulheres um novo espaço na sociedade em geral:

Pode-se afirmar que os salões foram importantes para a vida literária brasileira e também para o lento processo de aceitação da mulher no espaço público, uma vez que foi este uma espécie de espaço semipúblico pelo qual a mulher abriu caminho para o convívio intelectual (DUARTE; PAIVA, 2009, p. 13).

As mulheres do romance LPE não eram escritoras, mas se lançaram na vida, arriscaram. Especialmente Marina, Berenice, Andréia e Sílvia, pois eram mulheres

que experimentaram e valorizavam o estudo e a cultura, e isso fez toda a diferença na vida delas. Essa realidade só foi possível porque essas mulheres se empenharam nos bancos escolares, ou seja, valorizaram a intelectualidade. A educação foi um divisor de águas para a presença feminina na Literatura e, no caso do romance, na vida das personagens. Duarte e Paiva (2009) relatam essa verdade no mesmo texto:

Mulher à frente de seu tempo reivindicou o direito à educação para as mulheres por meio de seus escritos e de uma prática educativa pautada em uma formação que permitisse à mulher participar da vida cultural e política de seu tempo. Outras também romperam o silêncio e fizeram da escrita uma forma de ultrapassar os limites impostos a elas, adentraram o universo das letras via jornais, revistas e a publicação de livros (DUARTE; PAIVA, 2009, p 12).

Virginia Woolf, na obra **Um teto todo seu** (2014), também relata sobre essa posição feminina na cultura e na literatura. Segundo ela a ruptura estabelecida por essas mulheres foi o que determinou a qualidade de suas produções. Foi importante a vontade dessa mulher de sair do lugar estabelecido pelo homem e encontrar seu próprio espaço ao longo da história o que fez a mulher do século XXI ocupar o lugar que hoje tem. Sendo assim, estudar essas mulheres é, de certa forma, gravar o nome delas na história. Woolf (2014), a respeito da ruptura feminina, afirma o seguinte:

Primeiro, ela rompe com a frase; agora ela rompe com a ordem. Muito bem, ela tem todo o direito de fazer ambas as coisas, mas não se as fizer pelo rompimento em si, e sim por amor à criação (...). Determinada a cumprir meu dever como leitora se ela cumprir o dela como escritora, virei a página e li... (WOOLF, 2014, p. 118).

Depois dessa breve introdução sobre a identidade feminina é possível analisar as personagens do romance em questão. Essa análise terá início com a personagem Berenice.

Ela é uma mulher bem diferente dos padrões da década de 1960¹¹. Morou sozinha, trabalhou fora como professora, fez uso de cigarros e viajou para a Austrália onde vivenciou experiências amorosas e sexuais mesmo estando solteira. É Berenice quem dá o curso da narrativa. Ela inicia o romance indicando qual o objetivo a que ele se destina.

¹¹ Trecho retirado do artigo, Identidade feminina e silenciamento, publicado nos Anais da VIII Jornada Literária da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em novembro de 2018.

Três famílias se decompueram, enquanto este livro sofredamente se compunha. Entre perseguições, opróbios, violências. Rebusquei trechos de diários, cadernos de anotações, folhas e opúsculos ditos “subversivos”, recortes, velhos jornais e revistas. Colhi dados por todas as vias. Ouvi, conversei, indaguei – a cabeça com tantas informações como se fosse um computador. Fiz retornar o tempo para a veracidade dos registros. As fotos, poucas, com gestos contidos, semblantes oprimidos pelas circunstâncias. Olho-as, procuro penetrá-las e não me desligo das imagens da injustiça e repressão. Algumas guardam segredos que ainda me fustigam. E conto como desabafo em nome dos que ficamos. E como sinal de alerta aos que aí estão, aos que vêm vindo. Busco palavras no silêncio da hera no muro lindeiro à janela. Sacudida a poeira de todas as andanças, a paz dos campos australianos entrando comigo. Sento-me à máquina, aqui e agora, depois de tantos anos. Lúcida e livre eu também, voltei para contar.

Berenice

De inverno a inverno 86/87, Brasil (RAINHO, 1988, p. 9).

A personagem, mesmo morando distante da prima, acompanhava tudo o que com ela acontecia; a adaptação à nova residência, o envolvimento com Breno, os desaparecimentos do rapaz em razão da Ditadura Militar e outras circunstâncias. Mas, ao aproximar a data do casamento de Marina e Breno, Berenice fez questão de participar, presencialmente, junto com a prima e os demais familiares, do acontecimento. E a relação de ambas era muito próxima, o texto deixa transparecer que eram quase irmãs, dado o carinho e o cuidado que uma tinha com a outra. Ao chegar para o casamento essa foi a reação de Marina perante Berenice:

– Berenice, querida, parece mentira! Abre! Abre!

Foi um abraço longo, de afeição e saudade, como se quiséssemos descontar todo o intervalo de separação e silêncio. No banheiro mesmo ficamos por momentos, enquanto me recompunha da viagem:

–Que bom que bom que você veio com folga, temos tanto que conversar (RAINHO, 1988, p. 175).

A intelectualidade de Cleonice contamina a construção da personagem Berenice em atitudes de vanguarda observadas em ambas. A escritora é uma mulher viajada, engajada, culta e Berenice também o é. A viagem para a Austrália mencionada anteriormente, acontece com o objetivo de vislumbrar melhores oportunidades e acesso à cultura – “...foi convidada para trabalhar num curso de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira com turmas de estudantes profissionais interessados em assuntos da América Latina” (RAINHO, 1988, p. 246). Tal atitude foi apenas uma das que Berenice teve que coincide com a da escritora Cleonice Rainho. Rainho também buscou em sua vida profissional oportunidades para estar sempre na vanguarda do mercado de trabalho.

Já Berenice tem independência financeira e social. Da mesma forma que Cleonice, ela está envolvida nas questões culturais de sua época. Ir à Austrália é um exemplo da importância que delega ao trabalho e à cultura do país de origem. Tão empenhada e dedicada que fez diferença até mesmo aos australianos. O trecho a seguir pode exemplificar:

Um dia um aluno chegou a dizer que eu era uma brasileira sabendo mais da Austrália que os próprios australianos. Justifiquei ser natural, eles eram nativos e eu era uma estudiosa de sua terra, há anos esforçava-me por conhecer a Austrália sob todos os seus aspectos (RAINHO, 1988 p. 258).

A presença de Berenice na vida de Marina é importante não só por ela ser esse porto seguro na vida da prima, mas também como a pessoa que encadeia as memórias de todos os familiares. São essas memórias que permeiam o romance em busca do resgate das raízes familiares, como já mencionado. O intuito desse resgate é levar para as gerações futuras as vivências do passado, não somente as glórias, mas também as dificuldades e os anseios. Tudo isso é o que constitui a identidade de uma pessoa ou de um povo. É o que afirma Renato Janine Ribeiro na obra **Memória de si, ou**

O desejo de perpetuar-se, mas mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória. Lembre-se Aquiles: já os gregos pensavam na opção entre uma vida longa e pouco notável ou uma vida breve, porém seguida de glória imorredoura! O que os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos [...], *a posteriori*, reconhecido por uma identidade digna de nota (RIBEIRO, 1988, p. 35).

Marina é a outra protagonista do romance. Ela é uma mulher corajosa e decidida, pois saiu de sua cidade natal para buscar uma nova oportunidade para ela mesma e a família depois do exílio de seu pai. Também era um importante exemplar de quem seguia os padrões dos anos de 1960: vivia na companhia da família, trabalhava numa repartição pública, ajudava na Igreja (no serviço assistencial) e tinha como confidente o padre da paróquia. Era muito discreta e não vivia as concupiscências da carne. Algumas características das personagens deste romance se assemelham às próprias características da escritora Cleonice Rainho.

No discurso de homenagem ao Título de Professora Emérita da Universidade Federal de Juiz de Fora ela definiu-se assim: “Sou uma pessoa de fé, Trabalho e

Disciplina” (OLIVEIRA, 2010, p. 378). Essa frase corrobora a perceptível semelhança de ambas.

Marina é uma mulher romântica, que se envolve com Breno um militante revolucionário que se posiciona contra a Ditadura Militar. A participação de Breno na política é muito grande, e esse envolvimento leva-o a circunstâncias não muito felizes como sumiços para não ser preso, prisões de fato e até mesmo mudanças físicas para burlar a polícia. Porém, Marina é o oposto, não gosta de falar sobre o assunto. Mas mesmo assim, os dois têm um enlace; e em meio a todas essas questões políticas Breno e Marina namoram, noivam e casam-se numa cerimônia íntima e simples. Ao final do romance, Marina é abandonada por Breno, depois do casamento já estando grávida de Alex. Ela continua vivendo sua vida fiel ao seu esposo mesmo sem saber do seu paradeiro e se retornaria um dia.

A influência entre a escritora e a personagem aparece de maneira bem sutil no decorrer da trama. O trecho a seguir mostra os conceitos de Cleonice espelhados nas personagens. Embora, neste caso, esteja representado na voz de uma personagem masculina, Honório, pai de Marina, e no caso desse trabalho tratar em parte das questões femininas, é importante salientar a voz dessa escritora, mulher, presente nesses personagens ainda que masculinos.

Então Honório enumerou os expedientes todos que tomava sigilosamente para não engravidar a francesinha. Porque aborto, embora soubesse ser uma indústria no país, em Paris sobretudo, ele não admitia radicalmente. Era um desrespeito humano dos mais chocantes, um execrando crime: matar o ser do seu ser, seu mais íntimo semelhante, semelhante de Deus. E ela não faria nem amarrada, sabia, doida pelo filho (RAINHO, 1988, p. 83).

Marina mantinha sempre uma abnegação diante dos fatos ocorridos em sua vida pessoal/amorosa. Ela não se revolta, não lamenta nem mesmo questionava as posturas do recém-marido. Em poucos momentos ela apenas se mostrava pensativa. Um exemplo disso é o trecho a seguir:

Os noivos, no sofá, acariciavam-se, saudosos. Em surdina falavam do apartamento, acertavam hora e dia da cerimônia, antecipada, como se sabe, a conselho do tio, após a dispensa dos convites. A viagem de núpcias, em face dos acontecimentos e até por precaução, talvez cancelassem. Ele prometia-lhe um passeio em época mais propícia na cidade já escolhida por ela. Teve um ar de tristeza, que a custo disfarçava. De repente, vinham-lhe os sonhos. Viajaria com eles, viajaria, em sonho era tudo fácil: os trilhos da imaginação abrindo-se prodigamente, as faixas de asfalto longas e lustrosas,

em retas infindáveis. Cultivou aqueles instantes enquanto pôde. Há quanto tempo não podia estar assim em êxtase? (RAINHO, 1988, p. 164).

O perfil traçado pela autora acerca de Marina era bem peculiar. Era mulher forte, determinada e com ideais de vanguarda, mas aparentava ser muito resignada, reflexiva com as circunstâncias que a vida lhe impunha. No fragmento do romance abaixo descrito é possível observar essa particularidade da moça.

Despertou. Esfregou os olhos, Marina tinha vontade de comentar o que via e lia nas publicações francesas, mas com quem? As manas no quarto, a mãe dormia e Breno já roncava, espalhado no sofá, a boca semi-aberta, o corpo relaxado e torto. Nessa posição achou-o feio, ele que de pé, acordado, era para ela o homem mais bonito do mundo. Depois seu pai, e tio Álvaro também. Vendo-o ali, ela pensava na intimidade dos parceiros, duas pessoas tão diferentes condicionadas à vida em comum, hábitos e pequenas coisas, aos quais um e outro teriam de adaptar-se. Lera certa vez, nem mais se lembrava onde, que a intimidade mata a vida dos casais e neste exato momento, diante do noivo dormindo, meditava sobre, tirava suas conclusões[...]

Marina ainda com a revista no colo, quis falar à mãe sobre “A Posição da Mulher Hoje”, a reportagem-chefe do exemplar. Mas achou o assunto de pouco interesse para ela, afeita às atividades domésticas, sobretudo agora, absorvida pelos últimos arremates de seu enxoval e os preparativos da cerimônia [...] (RAINHO, 1988, p. 104).

Assim como Marina, sua mãe Lúcia também vive com fidelidade ao marido mesmo exilado na França. Ao tomar conhecimento que seu marido teria um suposto filho com a companheira francesa, Lúcia se mostra conformada com a situação e ainda se justifica: “Significa que ele volta à vida normal, reajusta-se a seu viver integral de homem” (RAINHO, 1988, p. 93).

É importante ressaltar que Lúcia e Marina são mulheres da década de 1960 em que a fidelidade ao companheiro e à instituição matrimônio/família eram primordiais dentro das famílias tradicionais. Portanto, é o comportamento esperado para ambas.

Lúcia demonstra essa maturidade emocional em muitos momentos da trama. A sabedoria ao aconselhar a filha, a ajuda nas decisões de sua própria vida e da filha, a discrição perante as questões políticas em que Breno se envolve e em muitas outras circunstâncias.

Embora apresentasse em certas oportunidades um pensamento dos anos de 1960, em outros, Lúcia mostrava-se bem à frente de seu tempo. Ao ser questionada pelo futuro genro sobre o desejo de Marina permanecer trabalhando depois do casamento, ela se posiciona:

A futura sogra pensava diferente. A filha tinha razão, afinal prestara um concurso, galgara uma posição. Sentia-se estabilizada, independente, o trabalho lhe facultava colaborar na ação social da igreja e contribuir com substancial ajuda em casa. Enfim, concluía: “A decisão é de vocês” (RAINHO, 1988, p. 95).

Essa decisão da protagonista fez toda a diferença, quando ao final do romance Breno se exilou definitivamente. Marina conseguiu manter-se financeira e socialmente pela opção de continuar trabalhando.

Esta configuração dada por Cleonice Rainho na construção das relações entre as personagens femininas e as personagens no cotidiano é o que permite observar um texto diferenciado, moderno, pois vai além dos padrões estipulados para a época em que se baseia – anos de 1960. Esta também é a percepção de Nícea Helena de Almeida Nogueira (2007) quanto ao posicionamento da autora em relação ao papel feminino dentro da ficção. O posicionamento abaixo descrito encontra-se no texto A crônica de Clarice Lispector em diálogo com sua obra literária:

Apesar da polêmica sobre a existência ou não de especificidades que diferenciasssem a literatura de autoria feminina, pode-se considerar que, em grande número de exemplos, a mulher escritora privilegia a exploração do seu cotidiano no tempo, no espaço e na sociedade a que pertence. [...] Neste ponto de convergência, inicia-se uma interação fértil para os temas a serem desenvolvidos [...] (NOGUEIRA, 2007, p. 92).

Pensar numa mulher sozinha, com filho trabalhando nos dias atuais, século XXI, pode ser mais comum, mas não era a realidade de meados do século XX, especialmente no período da Ditadura Militar.

Essas três mulheres – Marina, Berenice e Lúcia – são importantes exemplares de uma construção peculiar de personagens femininas. Na já mencionada Dissertação desenvolvida por Maria do Rosário Moreira de Lima (2005), há o relato dessa importância presente no discurso desenvolvido por esse trio.

As vozes dessas personagens se entrelaçam formando o que ela chama de bivocalidade do enunciado, ou seja, as vozes do autor e da personagem são expressas simultaneamente. É o que se pode perceber no trecho da dissertação:

Assim, no romance de Rainho, nota-se a justaposição da voz da narradora no discurso da autora, garantindo a bivocalidade do enunciado e apresentando uma verdadeira polifonia: vozes da autora, da narradora e das personagens (LIMA, 2005, p. 27).

Na trama também encontramos as presenças das primas de Marina, Andréia e Sílvia. Duas jovens, filhas de tio Álvaro, que estudavam, trabalhavam e ajudavam a protagonista nos dilemas pessoais. Diferente de Marina, a prima Andréia tinha uma atitude de vanguarda se comparada com outras personagens da mesma idade e contexto sociofinanceiro, como a sua participação no mundo acadêmico e nas questões de relacionamento homem mulher. No trecho a seguir, lemos descrita uma cena de sexo entre ela e Bráulio num motel. Bráulio não é marido, nem namorado de Andréia. Apenas se encontram para o momento:

Ela entrou desinibida no quarto, depois de passar pelo toalete. Usava apenas duas pecinhas, quase que decorativas. Por sinal finíssimas, de renda francesa bordada, um rosa-choque que ia muito bem com a pele queimada de seu corpo. Bráulio um nu forte e de linhas harmoniosas, verdadeiro David dos álbuns gregos, derretia-se de sensualidade só em vê-la. É claro que nos momentos seguintes, mesmo horas, esqueceram-se dos pesadelos políticos, das preocupações com o amigo desaparecido... “os inúmeros livros, revistas e álbuns sobre o assunto, os filmes de sexo explícito a que qualquer garota tem acesso.” Então de fazer amor no box, na piscina, arre! Jamais queria saber. Conforme a moça, fugia até desse ambiente da suíte. Nunca se esqueceu da noite em que cedeu às exigências de Luci. Era inverno e ela ficou atentando-o para cair na piscininha quente, contígua ao apartamento:
– Vai ver que gostosura, amorzinho! (RAINHO, 1988, p. 154).

Já o trecho a seguir mostra um outro perfil de uma das personagens de LPE – a intelectualidade da personagem Andréia. Não era muito comum que as mulheres desse período estudassem, ainda mais cursar um doutorado. Apesar de Cleonice Rainho não possuir tal curso, estar na vanguarda da sociedade é mais uma semelhança entre criadora e criatura:

Mas por sua vez, apresentou alguns problemas que vinha enfrentando em seu curso de doutoramento: as pesquisas bastante atrasadas em função do tempo perdido nos últimos dias e do desgaste psíquico acarretado em consequência dos fatos imediatamente, antes que a orientadora lhe chamasse a atenção, nota desabonadora a uma doutoranda (RAINHO, 1988, p. 168).

De todas as personagens, Sílvia, a irmã de Andréia, era a mais envolvida nas questões políticas. Não a ponto de ser comprometida com a polícia, afinal de contas era filha de militar de alta patente da Marinha. Mas ela possuía um discurso afinado com Breno e Mário (primo delas e de Marina e muito amigo de Breno) sobre seu posicionamento político sem perder a discrição e o bom senso. Também era uma

jovem que buscava seu espaço na sociedade. Estudava, fazia estágios e cuidava da irmã e da prima. O trecho a seguir demonstra um pouco da rotina deles diante do envolvimento de Breno com os militares.

[...] Já sabia da presença do pai. Do orelhão da Universidade ligara para Santos e a governanta informou de sua imediata saída para São Paulo, mal entrou em casa. Não conseguira calma para os estágios. Apenas marcou presença na Faculdade, saiu com o colega militar. Ele tinha um amigo no DOPS e, estava certo, conseguiria as informações. Realmente isto se deu e constataram: Breno fora preso. Seu pai já estivera lá – disseram sem maiores dados (RAINHO, 1988, p. 126).

Conforme proposta, não foram citadas todas as personagens femininas, mas essas que foram apresentadas são importantes para este trabalho de Dissertação. É possível visualizar o perfil de mulher que Cleonice Rainho quis apresentar num romance como esse, ambientado na difícil década de 1960 – Ditadura Militar – e escrito em 1988 ao término desse regime, quando o país começa a ganhar outra vertente.

A autora não dá voz às mulheres que impõem suas vontades, exigem seus direitos arbitrariamente ou fazem revoluções impensadas e inconsequentes. Ela apresenta mulheres fortes, inteligentes, arrojadas e felizes que conquistam seus espaços na discricção, no silêncio e com sensibilidade.

É possível perceber o quanto essas mulheres se fazem participativas na sociedade e demonstram viverem independentemente da presença e do jugo masculino. O estudioso Édimo de Almeida Pereira, no artigo *Mulheres Interditadas* (2016), relata sobre a vivência dessas mulheres que já não se encontram mais atreladas ao homem. Ele fala sobre mulheres como Marina, tia Lúcia e Berenice que vivem dignamente sem precisarem estar condicionadas à visão masculina; elas respeitam os homens enquanto membros na constituição familiar, mas não dependem deles para sobreviverem.

Nesse sentido, impende ressaltar que, por sua natureza, a fala feminina enuncia a constituição de uma subjetividade que se forma a partir de uma visão de mundo que difere significativamente da visão centrada no masculino como elemento suficientemente capaz de garantir a ocupação de lugares de privilégio nas organizações e nas relações humanas ainda na contemporaneidade. Não basta a diferença para justificar uma pretensa ordem de superioridade, de força e de capacidade androcêntrica a que as mulheres devam estar eternamente submetidas (PEREIRA, 2016, p. 88).

É nesse sentido também que foi importante recuperar e ressaltar o que já foi dito anteriormente, o quanto estas personagens exemplificam estarem na vanguarda de seu tempo e o quanto o texto cleoniciano é atual mesmo tendo sido escrito em 1988.

Ainda considerando a publicação de Pereira (2016), a obra ficcional tem uma relevância na sociedade, auxiliando a emersão dessas mulheres como pessoas atuantes e não meras reprodutoras do discurso masculino.

Paralelamente a um quadro de fronteiras tão demarcadas, a escrita ficcional e a reflexão teórica têm servido às mulheres como meio de manifestação do discurso próprio, como forma de reação em desfavor de um referencial masculino que historicamente procurou impor-lhes a ordem do silêncio e da submissão (PEREIRA, 2016, p. 92).

É nesse sentido que esta subseção foi desenvolvida – com o intuito de apresentar uma identidade feminina presente na sociedade, participativa no âmbito familiar e atuante enquanto cidadã ainda que viva num contexto de exceção como na Ditadura Militar.

Para continuar a análise tendo como foco a mulher, é interessante explorar essas personagens, e também a escritora sob a vertente da importância do intelectual, ou melhor, da mulher intelectual. Para tal serão utilizadas como pano de fundo as reflexões de Maria Zilda Ferreira Cury advindas do texto *Intelectuais em cena*. De acordo com ela segue a definição e a raiz da palavra intelectual que será empregada várias vezes nessa subseção.

Do latim *intellectualis*, de que a palavra intelectual deriva, conservou-se o sentido de 'relativo à inteligência'. Decompondo-se a palavra temos: *intus*, para dentro e *lectus*, particípio passado de *legere* (ler). Ler (para) dentro das coisas, para seu interior. Mas, o sentido etimológico do verbo *legere* "postula certa intensificação do fato social", na medida em que aponta para uma dimensão de exterioridade. Ler, pois, pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual dos dois movimentos: para dentro de si e para fora de si. Alargando o sentido ainda a partir da etimologia da palavra, saliente-se a condição intermediária do intelectual, sua função mediadora (CURY, 2008, p. 12,13, grifo do autor).

Por isso o filósofo com o megafone nas mãos representa imagetivamente o intelectual moderno, mas, ao mesmo tempo seu estertor uma vez que a retração progressiva da esfera pública vai tornando cada vez menos audível essa voz e menos atuante sua forma clássica de intervenção (CURY, 2008, p. 21).

Pensando nessa definição e sobre a função que o intelectual pode exercer na sociedade é possível resgatar o fato de que a escritora Cleonice Rainho que foi um exemplo dessa intelectualidade. O movimento para dentro de si seria sobre suas reflexões, a valorização que dava à cultura e sua própria escolarização. E o movimento para fora de si, quando valorizava e incentivava a cultura local e nacional. Dessa maneira levou o nome da cidade e de seu país para além das fronteiras locais.

Sandra Regina Goulart Almeida no texto *Intelectuais cosmopolitas: mulheres, migrações e espaço público* fala especificamente sobre os escritores – intelectuais, que nesse sentido, abrange a posição de Rainho. Ela utiliza o posicionamento de Silvano Santiago para tecer algumas considerações importantes, como: se diante do momento histórico atual, o escritor literário “ainda conseguiria alcançar a voz na praça congestionada para se transformar em ‘intelectual público’” (SANTIAGO apud ALMEIDA, 2008) e também de saber qual a “função social da literatura e do papel político do escritor” (SANTIAGO apud ALMEIDA, 2008). E continua discutindo sobre o papel do intelectual hoje, que por meio do seu ofício literário deveria alcançar reconhecimento e legitimação para intervir no espaço público e discutir o engajamento ético e político do escritor no manejo da escrita literária (ALMEIDA, 2008).

Transpondo essas características apontadas aqui sobre o papel do escritor – intelectual é possível constatar que Cleonice Rainho é, de fato, essa escritora-intelectual. Suas atuações endossam esse título, uma vez que, foi a porta voz daqueles que não tinham voz como, por exemplo, os semialfabetizados. Eles foram o público - alvo da escrita de seu livro **Parabéns a você** (1982). O objetivo do mesmo foi narrar uma viagem pelo território brasileiro a fim de favorecer leitura àqueles que estão iniciando no processo de alfabetização.

Para endossar o que foi, qual o papel e a função do intelectual na sociedade e na literatura é importante salientar as reflexões de **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**, de autoria da historiadora Mônica Velloso: [...] “o ideal da representação, o falar em nome dos destituídos de capacidade de discernimento e expressão, foi facilmente absorvido pelo intelectual brasileiro” (VELLOSO, 1987, p. 1) como Cleonice Rainho que deu visibilidade às mulheres em suas escritas, especialmente no romance **Liberdade para as estrelas** (1988). Suas personagens são construídas em torno de uma nova visão de mulher na literatura contemporânea. Pode – se retomar o que Almeida (2008) relata no artigo, já citado, *Intelectuais*

cosmopolitas: mulheres, migrações e espaço público, utilizando-se das ideias de Heloísa Buarque de Hollanda.

[...] pode-se indagar como a escritora-intelectual, recorrendo a Heloísa Buarque de Hollanda, se posiciona frente à “mágica da globalização”. Na verdade, as escritoras-intelectuais contemporâneas têm abordado, cada vez mais, esse novo fenômeno, muitas vezes sob o enfoque das relações de gênero. Resta indagar em quais condições e circunstâncias essas narrativas aparecem e quais desafios trazem para uma análise da produção literária de autoria feminina face aos movimentos globais da contemporaneidade. No entanto, como ressalta Hollanda, “pensar gênero nesse novo contexto é ainda um horizonte enigmático porque passa necessariamente pelos problemas que o multiculturalismo e a globalização acabam de nos colocar” e que fazem com as agendas teóricas femininas sejam renegociadas. O advento do multiculturalismo e a presença cada vez mais marcante dos efeitos da globalização na obra de escritoras e intelectuais contemporâneas fazem com que não apenas indagemos, como sugere acertadamente Hollanda, que lugar têm as demandas feministas na atualidade (2005, p.13)

[...] mas que também analisemos como esses fenômenos são vislumbrados e como surgem problematizados de formas variadas em seus discursos. Observa-se hoje um número crescente de obras de autoria feminina que enfocam personagens, sobretudo femininas, que habitam territórios liminares, espaços de movência, deslocamentos e desenraizamentos. Várias escritoras-intelectuais contemporâneas, antes voltadas para narrativas. Que tratavam prioritariamente de uma narrativa intimista com forte teor autobiográfico têm abordado questões mais abrangentes, mas não menos problemáticos, com relação à presença da mulher nesse novo contexto sócio-cultural (ALMEIDA, 2008, p. 50).

Com essas abordagens descritas é possível reafirmar o grau de importância de Cleonice Rainho no âmbito cultural de Juiz de Fora. Valendo-se de sua literatura e de sua participação precisa e eficaz, foi porta-voz de sujeitos que não tinham oportunidade de se fazerem representar. Um dos intuitos desta pesquisa é também, dar voz a essa escritora que tem sido esquecida pela sociedade.

Por meio da professora e pesquisadora Valéria Cristina Ribeiro Pereira que traz o olhar de Virgínia Woolf a respeito dessa voz na sociedade é possível visualizar o poder configurado à mulher na literatura:

Uma das estratégias mapeadas por Virgínia Woolf, na tentativa de resgatar a voz cujo som deixou de ser ouvido durante séculos, estava intimamente ligada à revisão do passado, a fim de que vissemos nascer uma cultura em que a mulher fosse ouvida e valorizada. Para tanto haveria a necessidade de se repensar o desenvolvimento das sociedades e de se recorrer a uma Nova História, procurando reelaborar conceitos que enriquecessem o legado histórico do qual temos conhecimento (PEREIRA, 2014, p. 39).

A importante escritora de Além Paraíba, que escolheu Juiz de Fora como sua cidade, garantiu a chance de ter alcançado, por meio de suas publicações, um lugar no panorama literário diferente de outras escritoras de sua época. Na voz de Valéria Pereira é possível verificar que a regra da sociedade era de desprestigiar as mulheres, especialmente as escritoras. O texto, *Mulher, feminino e feminismo: o lugar e a voz na cultura ocidental*, de sua autoria relata esse preconceito latente, verificado também no âmbito da literatura.

[...] também a literatura registrou o descaso no que diz respeito à produção feminina. Paralela à ideologia do feminismo, uma crítica literária feminista exigia outra teorização, a fim de trazer à luz a importância da escrita para a literatura. Muitas mulheres buscaram e buscam uma revisão da História Literária para que, reconhecendo os motivos da ausência de uma teoria dos gêneros, a produção literária feminina em largos períodos da História fosse valorizada e incorporada (PEREIRA, 2014, p.37).

Valéria Pereira (2014) ainda discute sobre a questão da “dicotomia de pólos opostos em que sempre estiveram distintamente separados os dois mundos: o do homem – racional, público, produtivo; e o da mulher – sentimental, doméstico, reprodutivo” (PEREIRA, 2014, p.38).

Após a análise cuidadosa das personagens femininas de LPE, especialmente Marina, Berenice e tia Lúcia, fica registrado que elas não se enquadram nessa tríade. Embora cada uma em particular, mas todas tenham essas características em si, nenhuma delas agrega as três de uma só vez. Ou seja, Berenice era uma mulher prática e resolvida ainda que tenha se casado, não hesitou na separação para garantir sua felicidade, não vivia exclusivamente para as tarefas domésticas, pois trabalhava fora e até mesmo foi para a Austrália para garantir melhores oportunidades de trabalho, e sobre filhos nunca estiveram em seus planos. Tia Lúcia ainda que vivesse para as funções domésticas e tivesse tido um número considerável de filhos não era uma mulher sentimentalista que vivia se lamentando pelo exílio do marido e até mesmo por ele ter se envolvido em outro relacionamento tendo como fruto outro filho. E Marina que mesmo tendo um filho e vendo seu recém-marido exilado definitivamente também não se lamuriou e continuou com seu objetivo de vida independente financeira e dignamente.

Por esses exemplos, é notório que o feminismo descrito por Pereira (2014) no artigo foi implementado a essas personagens de maneira muito eficaz, dado o momento histórico vivido por elas e pela própria escritora.

A próxima subseção tem por finalidade discutir as relações no matrimônio e na maternidade das personagens.

4.2 CONSTRUINDO E DESFAZENDO LAÇOS DE AFETO: MATERNIDADE E CASAMENTO

Não há marcas na parede para determinar a altura precisa das mulheres. Não há fitas métricas, cuidadosamente divididas em frações de centímetro, que alguém possa usar para as qualidades de uma boa mãe ou para a devoção de uma filha, ou a fidelidade de uma irmã, ou a competência de uma governanta.

(Virgínia Woolf)

Depois do panorama das personagens femininas, nesta subseção, Marina terá um enfoque diferenciado. Na descrição do enredo do romance **Liberdade para as estrelas** (1988), desenvolvido na seção 3 deste trabalho, a protagonista, casa-se com Breno – o militante de esquerda – e tem um filho, que o recém-marido não conhece em razão do exílio. Esses acontecimentos não foram ações isoladas dentro da narrativa, mas a constituíram e deram a ela o rumo determinado por Cleonice Rainho.

O casamento é uma instituição importante dentro da sociedade, não somente na atual – século XXI – mas também no século XX, quando o romance foi escrito. Mas nem sempre foi assim, segundo Woolf (2014) as mulheres da era elisabetana se casavam querendo ou não, antes de sair dos cueiros, provavelmente aos quinze ou dezesseis anos e tinham filhos antes dos vinte e oito anos. Isso só reforça o lugar secundário e subjugado a que as mulheres pertenciam e qual era a relação delas frente ao casamento e à prole.

Ao longo do tempo essa visão foi sendo modificada e atualmente, ainda que nos grandes centros, as mulheres consigam decidir sobre quando e com quem se casarão e quantos filhos terão.

O pertinente a se mencionar, nesse caso, é que a protagonista do romance, assim como as mulheres pertencentes ao seu tempo viam o casamento como uma instituição importante para sua vida social, moral e até mesmo religiosa. Essa importância não se limita à cerimônia e à possível realização do sonho de muitas mulheres, mas à questão da fidelidade matrimonial. Nesse sentido, Marina era uma jovem que entendia o casamento como uma opção e não como obrigação, como

acontecia com algumas mulheres, principalmente no século XIX e início do XX. Ela conheceu Breno e ambos foram nutridos pelo amor, cada um sentindo-o a sua maneira, e foi esse amor que os levou ao matrimônio. Marina planejou a cerimônia com muito cuidado. Era muito religiosa e queria cerimônia dentro dos padrões cristãos: não estava preocupada com vestido, festa e outros detalhes com que eventualmente as noivas se preocupariam, mas estava ansiosa por uma cerimônia que atendesse às necessidades da fé que professava. Porém, o clima de tensão vivido por Breno (explicitado na seção 4) deixou os preparativos em segundo plano. Marina, depois que o noivo foi preso pela última vez, antes da data do casamento, preferiu uma cerimônia íntima, simples e somente para os familiares e amigos mais próximos. O trecho a seguir demonstra a simplicidade da cerimônia que envolveu Marina e Breno:

– Pai – adiantou-se Sílvia – já discutimos muito e concluímos que Marina tem razão. Depois de tudo que houve, o escândalo do apartamento, a recente prisão de Breno, o melhor mesmo – já que o adiantamento seria prejudicial ao processo, o senhor até pediu para antecipar – é realizar-se o ato entre os íntimos, apenas familiares, sem convites sem nada. A gente fica com pena dela, afinal é o grande dia, o grande sonho da maioria das moças, mas as circunstâncias exigem. Durante sua ausência ela deu um pulo em casa, para pôr o pessoal a par dos fatos, trocou idéia com padre Gotardo e ele também está de acordo: a assinatura do contrato simplesmente e a benção da igreja (RAINHO, 1988, p. 162).

Mesmo sendo Berenice uma mulher pioneira no que diz respeito a sua relação com o sexo oposto, ela relata com simplicidade, mas com um tom de nostalgia o casamento, pois a narradora deixa transparecer que Marina merecia uma circunstância melhor para a cerimônia:

Mas, para mim, prima querida, escrevia aquela carta especial. Afinal, aos trancos e barrancos, depois de tantas peripécias como eu devia saber, chegara seu dia D, oito de dezembro próximo. Tudo simples, só em família, sem recepção, sem nada. E queria que eu fosse sua madrinha, formando par com Inácio, o irmão mais velho. Estava certa de que aceitaria, eu era pessoa importante para ela e no contexto de sua vida no Rio estive ligada aos encontros e desencontros do início do namoro. Não era coisa de última hora, podia crer, meu nome foi pensado desde muito, na lista, mas as coisas se tumultuaram tanto que só agora se marcou a data, antecipada, aliás pelas circunstâncias (RAINHO, 1988, p. 172).

Ainda sobre a cerimônia, a questão agora se relaciona ao vestido de noiva da personagem. A sugestão da mãe de Marina era pedir a uma costureira amiga da família para confeccionar o vestido para o casamento. Sempre com bastante simplicidade. Essa rotina não trazia muita alegria para a protagonista, pois ela tinha

que ir até Campinas para experimentar esse vestido, mas deixava para trás o noivo e com ele a insegurança de seu envolvimento com a polícia. Marina demonstrava um certo distanciamento do evento em decorrência dessa tensão.

No trecho a seguir, há a descrição do momento em que Marina recebe um presente de seu pai, Honório, o vestido de noiva vindo diretamente de Paris. A moça fica deslumbrada com o presente e desiste do que estava sendo confeccionado. Este fragmento ressalta a relação de Marina e Honório e a satisfação desse envolvimento. Quem trouxe o vestido de Paris para Marina foi tio Álvaro:

Aberta a caixa, um suave perfume exalando de seu interior, Marina se ergueu encantada:

– Oh! O vestido de noiva!

Desdobrou-o naturalmente, colocando-o ao longo do corpo. Discreto, simples, caindo admiravelmente pela fazenda pesada, pelo talhe correto. Um modelo próprio da alta-costura francesa. Marina sorriu, num raro momento de felicidade, comunicando sua alegria aos que a circundavam. De relance, falou:

– Mamãe e Rita que me perdoem, mas é este que vou usar.

– Por que, tem outro traje? – o tio quis saber.

– É claro que o vestido está pronto. Imagine se não estivesse, o senhor chegando com a necessidade de antecipar o ato como chegou (RAINHO, 1988, p. 165).

Mesmo diante da indiferença, das incertezas e do medo, a cerimônia aconteceu conforme o planejamento dos noivos e familiares e, assim, realizando o desejo da moça:

Faltava pouco para a chegada do juiz e a noiva pediu-me que abrisse as duas bandeiras da porta. Entrou na sala, os passos firmes nas sandálias de tranças, os cabelos negros caindo sobre os ombros cobertos de finíssima renda. Ao longo do corpo caía a seda pesada, em elegante talhe. No decote cavado, via-se veladamente a etiqueta parisiense. A roda de parentes e amigos, não obstante a limitação dos convites, era expressiva, o momento de alegre tensão. Ninguém, todavia, pensou em fazer perguntas, contentando-se com a bonita figura de Marina – simples, natural, ela mesma. Só Maria José, mais experiente, cochichava:

– É presente de papai, que bacana! Casar com vestido de Paris, veja só... – tocava discretamente o braço do marido.

A mãe não resistiu e foi ter com ela, enquanto o juiz de paz, que entrava com o escrivão, parou na varanda, recebido por Inácio e o comandante:

[...]

O juiz teve de esperar alguns minutos, a noiva já perfilada ao lado da mesinha de centro, o pesado livro aberto. Breno ainda não havia chegado, levava o terno para trocar na casa de um amigo, numa rua próxima. A uma hora da cerimônia da igreja, todos se mostravam tranquilos. Menos o escrivão. Tenso, abria e fechava o livro, repassando páginas fixando-se naquela do termo. Breno entrou e notou-se que sua presença, talvez seu rosto barbudo e os longos cabelos causassem certo mal-estar ao senhor juiz. Mas o termo foi

lido sem delongas, as testemunhas assinaram, outros presentes também, sem nenhuma alteração, bem acertados os nomes que a nubente passaria a adotar (RAINHO, 1988, p. 188).

Porém, a vida de casados começou conturbada. Logo depois da cerimônia, não puderam ter a lua-de-mel desejada e os primeiros dias na nova moradia não foram dos mais agradáveis. Marina confidenciou essas questões que muito entristeceram à prima Berenice conforme o trecho a seguir mostra:

Talvez só eu soubesse da viagem de lua-de-mel camuflada. Estava só e achei-a pálida, abatida. Apelei, porém, para a brincadeira, com meu habitual bom humor:

– Ainda de ressaca, prima?

Soltou um riso no canto dos lábios, inexpressivo, quase triste.

Vi que não queria falar e não insisti, passando a novo assunto:

– Então, não viajaram mesmo? E Breno, saiu? – perguntei, dando falta dele, já há alguns minutos assentada na sala.

– Saiu. Mas venha comigo, vou te mostrar o apartamento. Olhe só a viagem de núpcias que fizemos – dizia, entrando comigo no quarto, apontando o teto danificado por uma grande infiltração. – Viemos direto para aqui – como te falei – e tivemos que nos ajeitar nas poltronas, exaustos física e emocionalmente, a cama alagada. No dia seguinte, Breno saiu cedo e até agora está às voltas com a corretora, o proprietário, o inquilino de cima, não sei mais quem. Essas coisas em cidade grande você sabe como são (RAINHO, 1988, p. 195-196).

O episódio do alagamento só foi resolvido com o intermédio do Tio Álvaro que tomou atitudes para que o casal saísse dessa situação. E a solução foi uma mudança de endereço a fim de fugirem dos conflitos da vizinhança. Tio Álvaro era sempre o porto seguro de toda a família. Mas, ele resolvia aparentemente as situações à sua forma, ou à maneira de Breno, uma vez que depois de instalá-los na nova residência num bairro distante, o marido de Marina sumiu definitivamente.

Essa circunstância agravou ainda mais o clima de tensão em Marina, pois ela estava grávida. A protagonista continuou sua vida normalmente, mesmo diante dessa nova situação que lhe foi imposta. Trabalhava, cuidava da casa, com a ajuda da empregada (Zina), e como dito anteriormente se mantinha fiel ao marido, mesmo sem saber o que estava acontecendo.

Embora vivesse rodeada por esse clima de extrema tensão, a gravidez transcorria com tranquilidade. Todos os momentos da gestação eram divididos com a prima Berenice, o que deixava a ansiedade mais leve. E todos tomavam cuidado ao entrarem e saírem da casa, pois ela estava constantemente vigiada pelos policiais, já que estavam à procura de Breno.

Cheguei a pé, um jeitão e um andar que não eram os meus, os cabelos com dois grampinhos dos lados, cara lavada, semblante caído. Qualquer pessoa me daria no mínimo vinte anos mais do que tinha. Parei no portão, aturdida e tensa. Já de longe tinha avistado os dois PMs na calçada, andavam na mesma direção que eu, nem viram minha chegada. Quando eu ia deitando o dedo na campainha, Zina apareceu à janela:

– Dona Berenice, não é? Estou conhecendo só pelos óculos, porque está bastante mudada. Andou doente?

Não tive tempo de responder, pois, ela continuava:

– Entra depressa, antes que os soldados vejam a senhora. Passaram para lá agorinha.

– Vi-os pelas costas, vão adiante, mas, de que se trata você sabe?

– Prenderam o doutor aquela semana mesmo que a senhora viajou. Entraram aqui dentro, nunca vi coisa igual, vasculharam tudo, fizeram uma bagunça e acho que não pegaram nada porque saíram de mão banando (RAINHO, 1988, p.223).

Marina procurava vivenciar e vibrar com a gravidez naturalmente, tentando esquecer as aflições vividas em razão de Breno. Os trechos a seguir comprovam esses momentos, praticamente vividos junto a Berenice. Nesse sentido, a moça demonstrava ser forte e decidida:

[...] Aliviou-se da roupa e decerto da cinta e pude vê-la na plenitude da maternidade próxima. E em tom de caçoada, disse-lhe:

– Vão vir gemeozinhos por aí...

– Nada, os exames revelam um menino. E já decidi: vai chamar-se Alexandre, como seu pai.

Beijei-a com ternura, em agradecimento à homenagem há muito prometida. Tantos traumas, perturbações, tropeços e ela não esqueceu. A seguir comecei a passar-lhe os pacotes que trouxera. Elogiou minha opção de roupinhas em azul e branco. [...]

A rotina do trabalho, a promoção conseguida por esforço próprio, a gravidez correndo normalmente, só agora começaram aquelas complicações renais, pelo que tivera uns dias de licença.

[...] Meu filho vem aí e já sou toda doação a ele, sonhando com seu primeiro sorriso, os balbucios iniciais, os primeiros passos. Fico pensando em falar papai...(RAINHO, 1988, p. 242-245).

E após o nascimento da criança, Marina continuou mantendo os cuidados necessários e a rotina diária. A prima Berenice esteve com ela em alguns momentos antes de embarcar para a Austrália, e mesmo de lá sempre mantinha contato com Marina para saber como andava o desenvolvimento do bebê.

[...] Fui direto à maternidade e o motorista do táxi pareceu-me humano, pois enquanto eu lhe pagava, dizia:

– Gosto de trazer passageiro aqui, é uma nova vida que nasce e a gente espera sempre por uma vida melhor.

[...] Alex desenvolvia-se sem maiores problemas. Tia Lúcia quis levá-lo com ela, Marina, porém, não quis, relutando por sua presença junto ao filho. Perto da repartição havia uma creche, dispensou-a. Zina era diligente e jeitosa para lidar com criança. Antes que o período de licença terminasse, instruiu-a devidamente. Esmerava-se em caprichos com ele, então depois que a mãe voltou ao trabalho nem imaginem. Marina chegava e encontrava os dois esperando-a, ele bem tratado, fofinho. Suas manhãs agora tinham ritmo diferente. Brincava com o filho, administrava a casa, Zina ia às compras. A ordem estabelecida, os vencimentos dando para a vida confortável e boa margem de economias (RAINHO, 1988, p. 247-249).

Berenice estava muito atenta a tudo, enquanto pensava em como manteria contato com Marina sem perder a cumplicidade com a mesma e o carinho de Alex, seu filho, ainda se preocupava com sua própria segurança e a dos familiares, mesmo estando distante do Brasil, já que a insegurança neste país ainda pairava. Os telefonemas, cartas e postais eram minuciosamente pensados antes de executados para que não tivessem (nem Berenice nem os familiares no Brasil) problemas com a polícia. Isso fica claro no trecho em que ela deseja postar o cartão para o pequeno Alex:

Queria o cartão de Alex taxado no primeiro dia em que pus os pés no distante continente. Ao apresentá-lo à tarifa, pensei nos outros endereços que trouxera: Paris, Açores, México, sem falar nos inúmeros do Brasil. Estava longe, entretanto, não ficaria incomunicável. Mensagens viriam, sim, não obstante *subcensura* (RAINHO, 1988, p. 254, 255, grifo da autora).

Embora Marina tenha procurado viver uma vida dentro dos padrões de normalidade do cotidiano (trabalhar, cuidar do filho e outras atividades), com o passar do tempo, não conseguiu suportar a pressão de tudo que estava acontecendo em sua vida e precisou de um afastamento do trabalho: “Ela própria, Marina (chorou ao declarar) havia se aposentado por invalidez. A mente tumultuada não dava mais para os pesados encargos da repartição, onde o ‘leão’ rugia, com voracidade extrema” (RAINHO, 1988, p. 266), o que demonstra a humanidade da protagonista. Sempre se mostrando tão segura de suas atitudes e decisões não suportou o peso das consequências de suas opções de vida.

Se Marina sofreu as tensões do período ditatorial com uma grande violência e teve consequências danosas em sua vida, Berenice viveu, na Austrália, uma liberdade que talvez não tivesse oportunidade de tê-la no Brasil. Ainda que do outro lado do continente ela se preocupasse com o que falava e escrevia para as pessoas na terra de Santa Cruz, a vida que mantinha era bem libertadora – na liberdade de

falar o que pensava, no envolvimento sexual com amantes, e no trabalho – que foram retratados por meio das seguintes passagens:

Nos meus anos de Austrália, lá era fácil – Viva a Liberdade!!! – fiz diversos telefonemas para o Brasil, México, França e Açores [...]

Foi numa dessas ocasiões que dançamos num colóquio mais ousado e abriu o jogo comigo: “sexo no duro!” - ele falou com expressões de sua língua que eu já entendia. – “Sexo livre, sim, por aqui se usa, é coisa natural, todo mundo faz.” E não se importava com meu passado, nem queria saber de minha ficha de mulher solteira, já trintona. Também de tão distante e de costumes tão diversos, em quê podia isso interessar-lhe? A não ser quando se falou em matrimônio, pediu dados de minha situação civil juridicamente: outros casamentos, filhos, propriedades. A situação do hímen, suas condições eram-lhe de somenos. Estava ali ao seu alcance, poderia testá-lo e o testaria. Testou.

Pois, ora pois...eu que resistira a tantos brasileiros e fui parar naquelas longitudes, invicta, zero quilômetro, como agora se diz, caí nas malhas do alemão, caí feito uma patinha.

Afinal, estou continuando minha história e penso que devo já-já resumir meus anos de Oceania para satisfazer a curiosidade do leitor: casei, descasei, tive aventuras extraconjugais e, a protagonista, com o alemão não deu justamente pelo seu modo excêntrico de fazer sexo [...] O trabalho, a realização profissional, as amizades. Tudo concorrendo para alterar-me os planos (RAINHO, 1988, p. 259-261).

Muitas vezes Berenice demonstrava preocupação e até indignação por tudo o que aconteceu e acontecia com a prima tão querida, mas sabia que as circunstâncias não favoreciam para que a vivência fosse outra. Conscientizava-se de que teria mesmo que viver tudo o que viveu e ainda vivia. Por isso procurava estar sempre presente, ainda que distante fisicamente de Marina. Orgulhava-se da prima que sobrevivia às adversidades que a vida lhe oferecera e que conseguira vencer, sendo uma boa pessoa, boa profissional e boa mãe. Segundo Nogueira (2007) esse é o tradicional espírito feminino: “Percebe-se, ainda que sutilmente, [...] o tradicional espírito feminino, qual seja, o papel de mãe, dona de casa e esposa. Vários são os textos literários em que a autora aborda sua relação com filhos e a importância de ser mãe, porém livre” (Nogueira, 2007, p. 94).

O movimento feminista datado do início da década de 1970 levantou a bandeira da igualdade de direitos, em relação aos homens, e a busca da identidade feminina bem diferente da masculina. A autora Rosiska Darcy de Oliveira na introdução de seu livro **O elogio da diferença** apresenta uma série de proposições sobre o papel do feminismo na sociedade e suas implicações diretas e indiretas na vida das mulheres ao longo dos anos.

Com relação a questão da igualdade entre homens e mulheres, afirma: “Não se trata mais de forçar esse encaixe ao preço de mutilações. Para além da igualdade como mimetismo, as mulheres estão buscando a diferença como identidade” (OLIVEIRA, 1999, p. 11) e Marina foi e fez a diferença quando priorizou em manter-se no mercado de trabalho mesmo depois de casada que conferiu a ela sua estabilidade financeira. Ela não procurou o divórcio, nem buscou ajuda com familiares, manteve-se, inclusive moralmente, ainda que seu esposo não estivesse ao seu lado. Portanto, o casamento, aos olhos dessa personagem, não foi sua redenção, como o era para muitas mulheres.

Para exemplificar esse perfil de Marina, é oportuno trazer à discussão o posicionamento de Hugo Lovisolo na resenha intitulada, Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos, publicada na revista, **Estudos feministas** (2007) baseado na obra **Rumo equivocado** de Elisabeth Badinter em que discorre sobre a questão do casamento: “O casamento continua sendo fortemente valorizado no Brasil, apesar do crescimento na participação das famílias chefiadas por mulheres, e se incide sobre a maternidade das mulheres jovens por vezes de forma moralista ou condenatória” (LOVISOLO, 2007, p. 839).

Assim sendo para encerrar, faz-se necessário a retomada da autora Rosiska Oliveira (1999) que explana sobre o feminino depois de as mulheres terem vivido várias situações, boas e ruins.

O feminino não é mais o que era antes e não mais é possível defini-lo senão como um processo profundo de desorganização, ou banalmente falando, de transformação. Quebrou-se o mecanismo mais confortável do pensamento, o que define alguma coisa pelo seu contrário, mudando o sinal, invertendo características. Assim, masculino e feminino se definiam por essa inversão de sinais, por uma relação de exclusão mútua que alguns preferiam, benignamente, chamar de complementariedade. Feminino emerge como esforço de alteridade, de reconhecimento de lugares outros de onde o humano possa contemplar sua experiência imaginar-se diferente, conceber-se novo, mesmo se o novo busca sua seiva no que parecia passado. Talvez seja essa a insólita dialética da atualidade (OLIVEIRA, 1999, p. 13).

E ainda olhando para essas mulheres (Marina, Lúcia, Berenice, Sílvia e Andréia) volta-se no tempo para compreender, com os olhos de Constância Lima Duarte, o que o movimento feminista teve, sim, sua importância para que essas personagens fossem criadas como foram.

Penso que o **feminismo** poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas (DUARTE, 2003, p.152, grifo do autor).

Essa é a síntese da influência do movimento feminista no perfil das personagens de LPE, principalmente em Marina, que viveu e sobreviveu carregando as consequências dessas intervenções mas conseguiu dar à sua vida o destino que precisava sem perder suas convicções.

5 CONCLUSÃO

Desde o primeiro momento em que se teve o conhecimento sobre o enredo de **Liberdade para as estrelas** (1988), houve um interesse por pesquisá-lo, especialmente quando se soube da existência de datiloscritos e manuscritos, denominados prototextos, que são materiais importantes no estudo da Crítica Genética.

Esse primeiro contato, conforme mencionado na Introdução, aconteceu durante uma conversa com a funcionária Lucilha Magalhães no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) em Juiz de Fora e, depois dessa conversa, durante a leitura do impresso, o interesse foi se ampliando, permeado pela temática da homossexualidade abordada no decurso do período ditatorial brasileiro. A cada página lida, a curiosidade se intensificava, já que não se percebia no decorrer do enredo qual era a personagem ou personagens envolvidos na relação que compreendia a homossexualidade.

Em determinado momento pensou-se até que a informação cedida por Lucilha Magalhães de que a escritora tratou de um tema tão polêmico, estivesse equivocada, tamanha artimanha literária da escritora, que só revelou o caso na última página do romance. Foi um momento de grande surpresa, não só pela revelação, mas também pela maestria com que Rainho desenvolveu o texto.

Cleonice Rainho revelou a homossexualidade de Tio Álvaro e Breno de maneira sutil deixando implícito, no contexto, quem eram as personagens envolvidas. O que causou de fato a surpresa foi o fato de o leitor não perceber em nenhum momento, durante a narrativa, a relação deles.

Ao definir o romance como objeto de pesquisa, empreendeu-se as análises constatadas aqui, mas nem tudo ocorreu conforme o planejamento. Algumas dificuldades tiveram que ser contornadas para que fosse possível comprovar as hipóteses levantadas, como, por exemplo, a organização do acervo que, num primeiro momento deixou a pesquisadora desanimada e preocupada quanto ao fato de haver, em tempo hábil, material para pesquisa. Outra dificuldade superada foi com relação a duas versões datiloscritas nas quais se esperava encontrar maiores variantes nelas registradas, hipótese que não se confirmou. O cotejo apresentado, entretanto, exemplificou com eficiência as importantes diferenças inscritas. Outro contratempo deveu-se ao fato da dificuldade em localizar e adquirir o acervo autoral da escritora; não disponíveis em livrarias tradicionais, sebos, ou no mercado virtual. A maior parte

deles não está viabilizada à venda, estão acessíveis, apenas, para consulta e pesquisa na ACLB em Juiz de Fora.

No entanto, muitos sucessos foram alcançados ao longo do trabalho como a confirmação da hipótese levantada de que, no romance **Liberdade para as estrelas** (1988), as personagens vivenciariam dilemas consequentes das experiências formadoras, por conviverem com ambientes de repressão e silêncio. Identificou-se também, as tensões advindas da construção feminina e a compreensão do engajamento da escritora enquanto intelectual, numa projeção ficcional e não ficcional, num dos períodos mais críticos da história política do país.

Foi possível compreender a importância da responsabilidade de Cleonice Rainho, enquanto intelectual, como mulher, como profissional e escritora, uma vez que delineou, por meio de suas personagens, o panorama da ditadura, demonstrando na realidade cotidiana, as dificuldades, as tensões, o medo e a angústia pelas quais as mesmas passaram, sem deixar de evidenciar o triunfo da superação, na luta pela sobrevivência e ressaltar a importância destas conquistas.

Com relação ao romance, depois de tomar conhecimento sobre quais as razões e as relações estabelecidas por Marina frente ao casamento e a maternidade, constatou-se que ela transpôs os limites das quatro paredes da casa, os limites impostos pelos afazeres domésticos e pelos cuidados maternos, que são a base dos ideais feministas, defendidos por Woolf, utilizados nesta escrita dissertativa.

Constatou-se que Marina oportunizou sonhar e em determinados momentos realizou alguns destes sonhos, mas em outros ela precisou enfrentar e solucionar duras realidades. Essas, nem sempre se resolveram da forma ideal, mas certamente da maneira mais real possível naquele momento, levando em consideração o idiossincrático contexto.

No desenvolvimento do enredo, a autora deixa para o leitor desnudar qual foi o sentimento experimentado por Marina em relação ao exílio do marido e à ciência do fato de que ela gerava um filho, porém a protagonista enfrentou essas realidades à luz de uma liberdade galgada e apoderada por seus próprios méritos. Para essa personagem, a maternidade não implicou em transtorno, (mesmo sem a presença do marido) ao menos isso não ficou explícito na voz da narradora Berenice.

A protagonista projetou sua vida pessoal e profissional colocando o filho Alex em primeiro plano, mas não anulou a sua em razão da existência dele. E esse é um posicionamento muito contemporâneo, e que não era comum na ocasião em que o

romance foi escrito. Nesse período temporal uma mulher com filho e sem marido, com certeza, seria bastante discriminada pela sociedade. Dentre as personagens, apenas Berenice demonstrou um descontentamento quanto ao destino reservado a sua prima, julgava que a mesma merecia melhor futuro, sem tantos dissabores que circundavam uma mãe, um filho, fruto da relação com um marido homossexual e exilado político.

Ainda pensando nas trajetórias percorridas pelas personagens observou-se um posicionamento bem nítido sobre a relação dessas mulheres com a maternidade. Berenice casa-se e não deseja ter filho, Andréia tem relações sexuais com parceiros que não são nem marido, nem namorado e claramente não cabe nestas relações a presença de um filho.

Diante dessas circunstâncias é salutar pensar que essas mulheres utilizariam algum método contraceptivo, até por levar em consideração a ambientação em que o romance se desenvolve, 1960! Pode-se cogitar a possibilidade da utilização da pílula anticoncepcional, uma vez que esta foi divulgada nessa mesma ocasião. Tal perspectiva não está explícita no texto, mas é bastante pungente dado o envolvimento de Cleonice Rainho com as questões contemporâneas. Sendo uma mulher religiosa por conhecimento e atuação, Rainho não poderia, de fato, defender o uso de um hormônio que impedisse a gravidez tão explicitamente, mas pôde e o fez, construir personagens femininas que não desejavam filhos.

Outro aspecto que mereceu atenção especial foi a presença e a participação da família nesse romance. Os membros têm expressiva atuação no desenrolar da história, especialmente com a relação aos percalços vividos por Marina, pois eles auxiliaram-na a superar os conflitos do dia-a-dia e os desafios impostos pelos pares. E Berenice deixa de ser apenas a narradora para alcançar, com a prima, o lugar do protagonismo, já que ambas atuam no papel principal da trama, favorecendo ao filho de Marina o registro das lembranças que seriam perpetuadas em sua memória.

Nessa direção importa confirmar que as mulheres de **Liberdade para as estrelas** (1988) (Marina, Lúcia, Berenice, Sílvia e Andréia) apresentam uma dualidade: a tradição – evidenciando a construção de estereótipos previamente associados ao feminino (como o casamento, a maternidade e a fidelidade) – e uma ruptura considerando a liberdade, o envolvimento político e a questão sexual (como a independência financeira, a autonomia profissional e a vida intelectual).

Não se pôde deixar de constatar a visível dualidade existente entre homens e mulheres e seus distintos papéis e posicionamentos político-sociais inseridos em uma

sociedade patriarcal. Embora a trama se passasse em um momento de pressão política em que os homens, na maioria das vezes, eram os atores principais da ocasião, foram as mulheres que ganharam projeção dentro do romance LPE e que também se apresentaram fortes diante da, circunstância ditatorial, das consequências advindas do núcleo familiar, como o exílio dos maridos.

Apesar de todo o contexto, essas mulheres não foram discriminadas e tiveram todos os seus direitos civis garantidos. Essa garantia, que foi apropriada pela escritora e transposta para as personagens, só foi possível graças às contaminações de movimentos sociais da época (que tanto foram falados ao longo do trabalho e novamente retomados aqui nessa finalização, dada sua importância). Partindo desses movimentos, ou sob a influência de seus feitos, foi possível perceber os efeitos dele na sociedade e conseqüentemente na literatura.

Ao longo do trabalho de pesquisa, se destacaram outras dualidades que acompanharam a escritora e as personagens. Em muitos momentos as experiências e convicções de Rainho se entrelaçaram na vida das personagens e, em outros momentos elas se dicotomizaram. Possivelmente aconteceu porque Rainho foi uma escritora versátil; tanto que assinou, nos anos de 1940 e 1950 sob o pseudônimo de Iracema a responsabilidade de uma coluna destinada ao público feminino, na qual se poderia falar, sob a voz de Iracema, sobre várias intimidades sem a necessidade de exprimir todos posicionamentos cleonicianos.

Além do que já foi mencionado, a análise dos manuscritos e a comparação com o impresso trouxe para a seara da discussão o lugar de excelência ocupado por LPE ainda no tempo da publicação como atualmente – mais de 30 anos após o lançamento. Esses manuscritos apresentam a linha de raciocínio que Cleonice Rainho desenvolveu para a produção do romance, a investigação sobre o percurso de criação das personagens, o registro dos detalhes do cenário da trama, entre outros que, lidos paralelamente ao impresso, ajudam o pesquisador a compreender o que está além das linhas impressas.

Muitas observações feitas nesses manuscritos não estão presentes na versão publicada e outras estão bastante diferentes, mas o interessante é perceber o esmero, a dedicação e o cuidado com a produção escrita. Até mesmo as questões ortográficas, de coerência e coesão são trabalhadas nesses manuscritos. Tudo isso configura os estudos da gênese do texto de forma muito interessante.

A realização desta pesquisa e suas descobertas indicam à comunidade acadêmica a valorização das publicações da autora, sua contribuição como membro ativamente atuante na vida cultural da cidade de Juiz de Fora reforçando a sua intelectualidade e seu compromisso com a literatura. Assim como pode suscitar novas pesquisas relacionadas à obra cleoniana, além de favorecer um acréscimo à fortuna crítica já existente da escritora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Intelectuais cosmopolitas: mulheres, migrações e espaço público. *In*: WALTY, Ivete e CURY, Maria Zilda Ferreira (Org.). **Intelectuais e vida pública**: migrações e mediações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

AO LONGO DE UMA DEDICADA carreira literária. **Tribuna de Minas**. 2015. Não paginado.

ARAÚJO, Alexandre Garcia; DIAS, José Alves. Ditadura e Democracia: o impacto da conciliação sobre as memórias e a constituição da Justiça de Transição no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**, Rio Grande do Sul, n. 38, 2018, p. 128 – 138.
Disponível em: <file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/77564-354745-2-PB.pdf.>. Acesso em: 16 jan. 2019.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v.11, n. 21, 1998, p. 1-216.
Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**, n.12, mai/ago/ 2012.

BERGSON, Henri. Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito. *In*: _____. **Matéria e memória**. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLOG COM CIME – COMUNICAÇÃO, CIDADE E MEMÓRIA. Disponível em: <<https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/2014/10/10/o-lince-67-anos-informando-e-entretendo-juiz-de-fora>>. Acesso em: 04 out. 2018.

BLOG MEMÓRIA DA IMPRENSA.

Disponível em: <<https://memoriasdaimprensajf.wordpress.com/impressos-de-juiz-de-fora-9/impressos-de-juiz-de-fora/jornais/gazeta-comercial/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

BOSI, Ecléa. Halbwachs, ou a reconstrução do passado. *In*: _____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.53-59.

COSTA, José Carlos da; ALVES, Lourdes Kaminski. Representações da memória na literatura e na cultura. **Revista Investigações**. Pernambuco: UFPE, Vol. 23, n. 1, jan. 2010. Disponível em :
<<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1338>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CPDOC. FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS.

Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. **Manuscritica**. Revista da Crítica Genética. São Paulo: USP/ APCG, 1993, N.3 p.78-93.

Disponível em: <<http://WWW.revistas.ffich.usp.br/manuscritica/article/view/853/770>>. Acesso em: 13 mar.2018.

_____. Intelectuais em cena. In: WALTY, Ivete ; CURY, Maria Zilda Ferreira. (Org.). **Intelectuais e vida pública**: migrações e meditações. Belo Horizonte: UFMG, 2008

DIAS, Ana Flávia Araújo. Identidade e silenciamento. **Anais da VIII Jornada Literária da Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juiz de Fora: UFJF, 2018. Disponível em: <<https://jornadaliterariauf.wixsite.com/jornadaliteraria>>. Acesso em 16 abril 2019.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura. **Estudos Avançados**, São Paulo: USP, v. 17, n.49, p.-151-172, set. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950/11522>>. Acesso em 19 abril 2019.

_____. O feminino fragmentado. **Ipotesi** – Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora: UFJF, v. 13, n.2, p.31-37, jul./dez. 2009.

_____; PAIVA, Kelen Benfenatti. A mulher de letras: nos rastros de uma história. **Ipotesi** – Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora: UFJF, v. 13, n.2, p.11-19, jul./dez. 2009.

GUIMARÃES, Joaquim; RESENDE, Cacia; BRITO, Ana Maria. O Conceito de memória na obra “Matéria e Memória de Henri Bergson”. **Artigo do VI colóquio internacional – “Educação e contemporaneidade”**. São Cristovão, Sergipe. 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_04/PDF/37.pdf>. Acesso em: 13 mar.2018.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003, p. 29-70.

LE GOFF, Jacques *et. al.* **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas. Editora da Unicamp. 1990.

LIMA, Maria do Rosário Moreira de. **Momentos políticos e históricos da ditadura em Liberdade para as estrelas**. Orientador: Therezinha Mucci Xavier. 2005. 82 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2005.

LOVISOLO, Hugo. Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos. **Estudos feministas**, Florianópolis: UFSC, v.15, n. 3, p. 837 a 839, set/dez, 2007. Disponível

em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/350/showToc>>. Acesso em: 23 abril 2019.

MAGALHÃES, L. **Sobre o fundo de Cleonice Rainho**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <magalhaeslucilha@gmail.com> em 25 de abril de 2018.

MAGALHÃES, L. **Sobre o fundo de Cleonice Rainho**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <magalhaeslucilha@gmail.com> em 26 de abril de 2018.

_____. **Sobre o fundo de Cleonice Rainho**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <magalhaeslucilha@gmail.com> em 27 de abril de 2018.

_____. **Sobre o fundo de Cleonice Rainho**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <magalhaeslucilha@gmail.com> em 2 de maio de 2018.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed.rev.ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

MORAIS, Mauro. Os livros existem e resistem. *In*: OLIVEIRA, Wanderley Luiz (Org). **Cleonice Rainho, centenário de nascimento** (Edição comemorativa). Juiz de Fora: Associação de Cultura Luso-Brasileira (ACLB), 2015.

MORAIS, Mauro. Uma vida dedicada. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora. 12 mar. 2012. Não paginado

NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida. A crônica de Clarice Lispector em diálogo com sua obra literária. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora: CES/JF, v. 6, n. 11/12, p.87-99. 2007. Disponível em: <https://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2011%20e%2012/08_a_cronica_de_Clarice_Lispector.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

NOGUEIRA, Valéria Soares. **Cleonice Rainho e Nathaniel Hawthorne: o silêncio como manifestação feminina**. Orientador: Nícea Helena de Almeida Nogueira. 2009. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

OLIVEIRA, Rosika Darcy. **O elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OLIVEIRA, Wanderley Luiz de. **Cleonice Rainho a busca e o encontro: uma biografia**. Juiz de Fora: Funalfa, 2010.

_____. **Wanderley Luiz de Oliveira: Sobre Cleonice Rainho**. [Entrevista cedida a] Ana Flávia Araújo Dias. Juiz de Fora, Associação de Cultura Luso-Brasileira (ACLB) 11 jul. 2018.

ORLANDI, Eni Puccenelli. Maio de 1968: os silêncios da memória. *In*: ARCHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015, p.53-62.

PEREIRA, Édimo de Almeida. Mulheres interdidas. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora: CES/JF, v. 17, n.30. p. 85-94, ago./dez. 2016.

Disponível em:

<file:///D:/Meus%20Documentos/Documents/Ana%20FI%C3%A1via/Mestrado/DISSERTA%C3%87%C3%83O/Material%20para%20leitura/Texto%20do%20%C3%89di mo.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro. Mulher, feminino e feminismo: o lugar e a voz na cultura ocidental. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora: CES/JF, v. 15, n.26. p. 31-48, ago/dez. 2014.

Disponível: <<https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/558>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Disponível em: vol.5, n.10, 1992.

Disponível em:

<file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/memoria%20e%20id%20social.pdf> Acesso em: 15 out. 2018.

RAINHO, Cleonice. **Liberdade para as estrelas**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes. Acervo Cleonice Rainho, 19--. Manuscrito autógrafa.

_____. **3 kms & picos**. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1980.

_____. **Festas tradicionais brasileiras**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1996.

_____. **João Mineral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

_____. **La cucaracha** (Ou a agenda do rapaz que ficou homem na maior cidade do mundo). Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 1992.

_____. **Liberdade para as estrelas**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. **Linho do tempo**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

_____. **O castelo da rainha Bá**. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1983.

_____. **O passeio**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1994.

_____. **O palácio dos peixes**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1996.

_____. **Parabéns a você**. Belo Horizonte: Lemi, 1982.

_____. **Poemas chineses**. Brasília: Editora Códice, 1997.

_____. **Uma sombra nas ruas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

_____. **Varinha de condão**. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1973.

_____. **Verde vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

RIBEIRO, Renato Janine. Memória de si, ou **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v.11, n. 21, 1988. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_de_si_o_u_renato_janine_ribeiro.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

SANTO AGOSTINHO. **As confissões**. Tradução. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro (Coleção Universidade de Bolso, v. 3. 1993), [entre 397 e 401.d.C].

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paulo: ed PUC São Paulo, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, n.30, p. 71-98, jun.2005. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/04-Art-\(Marcio\).pdf](http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/04-Art-(Marcio).pdf)>. Acesso em: 14 fev de 2019.

SOUZA, Márcia Aparecida de Paula e. **Dois momentos em Cleonice Rainho: a operária das letras**. Orientador: William Valentine Redmond. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História do Brasil, 1987.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história** - Foucault revoluciona a história. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed., reimpressão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas (Org.). **Crítica feminista. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2 ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005. Disponível em <<https://dialogosliterarios.files.wordpress.com/2013/05/crc3adtica-feminista-parte-1.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução. Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ANEXO A – Convite de lançamento

A Livraria e Cafeteria
"A Terceira Margem"
e a autora convidam para
o lançamento do livro

**Liberdade para
as Estrelas**
de Cleonice Rainho

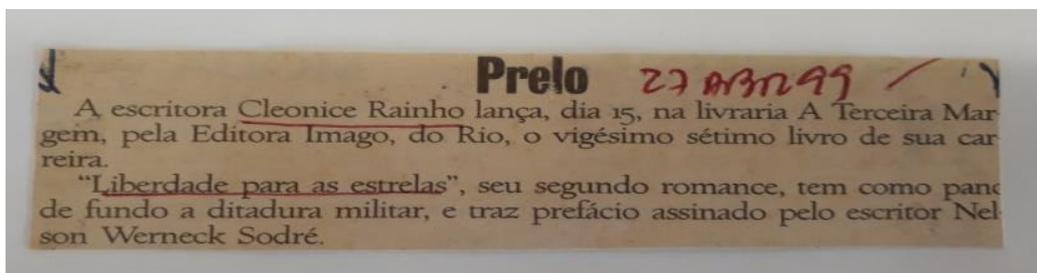


Sábado, 15 de maio, às 11 horas.
Local: Livraria e Cafeteria A Terceira Margem
Galeria Pio X, 2º piso. Fone: (032) 216-7320

 **Apoio:**  

Fonte: Cartão-convite fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO B – Crítica Literária 1



Fonte: Recorte de jornal fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO C – Parecer Editorial

PARECER EDITORIAL

Nome do livro: Eu voltei para contar

Autora: Cleonice Rainho

SINOPSE

Narrado em primeira pessoa e em flash-back, o romance focaliza a vida de uma família paulista durante o período da repressão.

O personagem narrador, Berenice, é testemunha de fatos ocorridos na vida de Marina, personagem protagonista. As referências à conjuntura política - repressão, perseguições, exílios etc. - servem apenas como pano de fundo para a trama.

Marina, moça de família tradicional, residente em Campinas, sofre revazes em sua vida quando o pai, deputado que se opõe ao regime militar, é cassado e vai para o exílio em Paris, onde constitui outra família.

Marina consegue um emprego na Receita Federal, em São Paulo, e conhece um colega de trabalho chamado Breno. Breno é amigo de seu primo Mário, irmão de Berenice. Breno e Mário se dedicam a atividades subversivas. Mário se muda para o México, mas Breno continua a se opor à Ditadura, embora não haja no enredo referências claras quanto a seu engajamento na Esquerda.

Marina e Breno começam a namorar, mas a moça, alienada politicamente, se dedica ao trabalho, à família e à religião, mantendo um distanciamento dos fatos políticos.

Grande parte do enredo gira em torno do noivado atribulado do casal, devido aos sumiços e prisões constantes de Breno.

A família conta com a ajuda de Tio Alvaro, comandante da Marinha e figura influente nos meios militares. Tio Alvaro, abandonado pela esposa, mora em Santos e tem duas filhas que dividem um apartamento com Marina, em São Paulo. Ele tem presença constante nos assuntos da família e demonstra grande afeição por Breno. Graças às suas intervenções, consegue sempre livrá-lo das garras da Ditadura.

Finalmente, chega o dia do casamento. Marina, que até então esteve absorvida pelos preparativos, não demonstra maiores entusiasmos, apesar de declarar diversas vezes seu amor pelo noivo. A atenção de todos tem estado concentrada nas notícias e nos presentes franceses enviados constantemente pelo pai exilado e saudoso da família.

A primeira semana de casados é desastrosa devido a um vazamento no apartamento do andar superior, que teria sido provocado pelo terrorismo da Direita. Tio Alvaro providencia, então, a mudança rápida do casal para uma casa de sua propriedade no subúrbio.

Marina e Breno conseguem, finalmente, três dias de intimidade. O pouco entusiasmo sexual de Breno na primeira semana de casamento é considerado normal pelas duas primas e confidentes: Marina e Berenice.

Breno e Tio Alvaro desaparecem sem explicação. A princípio, acredita-se que Breno esteja preso e que Tio Alvaro tenha viajado a serviço. Marina, grávida, passa a viver só e a se dedicar aos seus interesses e ao filho que espera.

Após ter recebido de dois tios, personagens inexpressivos na trama, a revelação do homossexualismo de Tio Alvaro e Breno, Berenice parte em bolsa de estudos para a Austrália. Lá permanece por quinze anos. Berenice escreve sempre para Marina e seu filho, mas não aborda nunca o que soube a respeito de Breno e Tio Alvaro, que continuam desaparecidos.

Na Austrália, Berenice se casa com um alemão rico, desfaz o casamento depois de alguns anos, e volta para o Brasil. Reencontra

Fonte: Datiloscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO D – Informação 1

Assunto: Sobre o fundo de Cleonice Rainho

De: anafadias@yahoo.com.br

Para: magalhaeslucilha@gmail.com

Data: quarta-feira, 25 de abril de 2018 08:52:49 BRT

Bom dia Lucilha, como vai?

Sou Ana Flávia, aluna do mestrado do CES que estudo a autora Cleonice Rainho e estou precisando de algumas informações sobre o fundo dela para continuar minha pesquisa. Seria possível me oportunizar as seguintes informações?

Como ocorreu a captação do arquivo?

Como se encontra o acervo?

Quem doou esse acervo?

Agradeço imensamente sua disponibilidade em ajudar-me na pesquisa

Atenciosamente

Ana Flávia

Assunto: Sobre o fundo de Cleonice Rainho

De: anafadias@yahoo.com.br

Para: magalhaeslucilha@gmail.com

Data: quarta-feira, 25 de abril de 2018 08:52:49 BRT

Bom dia Lucilha, como vai?

Sou Ana Flávia, aluna do mestrado do CES que estudo a autora Cleonice Rainho e estou precisando de algumas informações sobre o fundo dela para continuar minha pesquisa. Seria possível me oportunizar as seguintes informações?

Como ocorreu a captação do arquivo?

Como se encontra o acervo?

Quem doou esse acervo?

Agradeço imensamente sua disponibilidade em ajudar-me na pesquisa

Atenciosamente

Ana Flávia

Assunto: Re: Sobre o fundo de Cleonice Rainho

De: magalhaeslucilha@gmail.com

Para: anafadias@yahoo.com.br

Data: quinta-feira, 26 de abril de 2018 09:58:31 BRT

Bom dia, Ana Flávia!

Claro que posso te ajudar na pesquisa.

1 - Não entendi a pergunta. Por favor, me explique o que vc quer dizer com "captação".

2- O acervo encontra-se em bom estado de conservação, tanto o acervo documental quanto o bibliográfico. O acervo documental está em fase de finalização de sua organização, com previsão de término em 2 ou 3 meses. Está sendo realizada os arranjos documentais e quantificação dos documentos. O acervo bibliográfico está com sua catalogação parada, em virtude da falta de bibliotecária. Apenas alguns livros disponíveis para consulta, algo em torno de 1%.

3- Este acervo foi doado pela família, seus filhos e noras.

Estou a sua disposição!

Lucilha Magalhães
Setor de Biblioteca e Arquivo
Museu de Arte Murilo Mendes

ANEXO E – Informação 2

Assunto: Assunto: Re: Sobre o fundo de Cleonice Rainho

De: anafladias@yahoo.com.br
Para: magalhaeslucilha@gmail.com
Data: quinta-feira, 26 de abril de 2018 20:05:20 BRT

Oi Lucilha, muito obrigada.

Mas captação seria como o arquivo chegou ao MAMM. Foi interesse do Museu em receber, da família em doar. O acervo chegou de um única vez, ou em partes? Foi antes ou depois do falecimento dela?

Agradeço mais uma vez

Ana Flávia

Assunto: Re: Assunto: Re: Sobre o fundo de Cleonice Rainho

De: magalhaeslucilha@gmail.com
Para: anafladias@yahoo.com.br
Data: sexta-feira, 27 de abril de 2018 14:38:37 BRT

Oi Ana Flávia!

Boa tarde!

Eu não sei te falar de onde partiu a ideia de doação: se do Museu ou da família. Aqui no MAMM já tínhamos 3 bibliotecas de doadores: escritores (Cosette e Gilberto), Guima e do Arthur Arcuri (amigo de Murilo Mendes). Acho que partiu do Museu. Mas teria que ver com o antigo diretor do MAMM, José Alberto Pinho Neves, que no momento está fora do Brasil.

O acervo veio todo completo, de uma vez: Livros e documentos. E foi antes do falecimento dela. Mas ela já estava bem doente, bem em fase terminal. Os nomes dos filhos é que constam no processo de doação:
- Fernando Antonio Rainho Thomaz Ribeiro e Luiz Flavio Rainho Thomaz Ribeiro.

O contrato de doação foi assinado em 12 de março de 2010.

Espero ter te ajudado.
Qualquer coisa, continuo à disposição!

Lucilha Magalhães

Assunto: Re: Assunto: Re: Sobre o fundo de Cleonice Rainho

De: anafladias@yahoo.com.br
Para: magalhaeslucilha@gmail.com
Data: quarta-feira, 2 de maio de 2018 13:54:52 BRT

Oi Lucilha, suas informações foram preciosíssimas. Muito obrigada e boa semana pra você.

Um Abraço

Ana Flávia

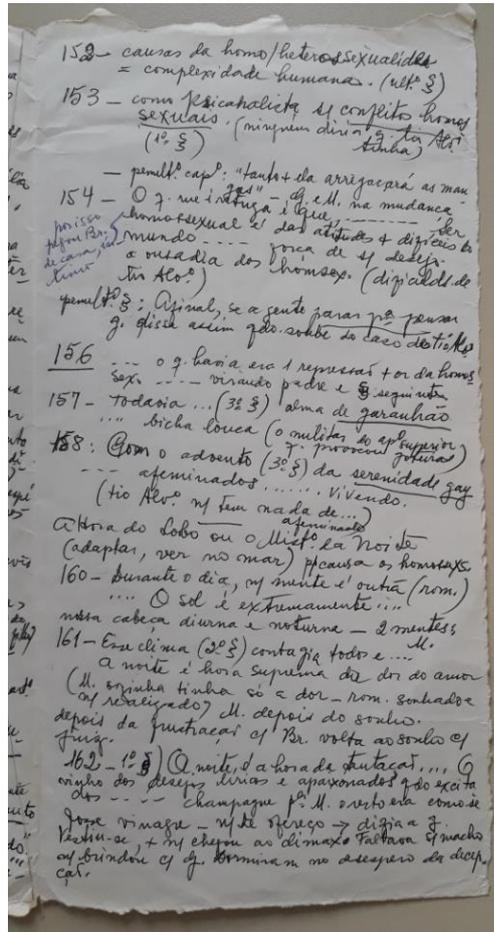
ANEXO F – Crítica Literária 2

16 JUL 95

- O romance 'Liberdade para as Estrelas' da escritora Cleonice Rainho é bem interessante ficando nítida para nós, que a idéia clássica de seu romance se repensa em estreita ligação com a filosofia moral que regula os graus de convivência de atos e conceitos diante da hierarquia político-social.

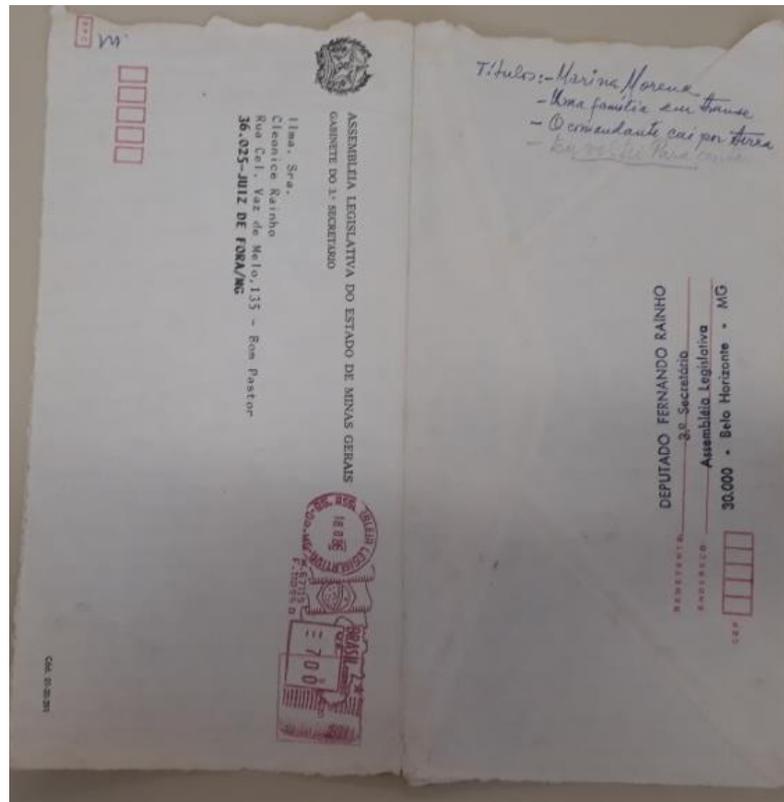
Fonte: Recorte de jornal fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO G – Rascunho da obra 1



Fonte: Manuscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda MAMM.

ANEXO H – Possíveis títulos



Fonte: Manuscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO J – As personagens

Pagos emendas

4 Castelo Branco
5 casa e Silva - Luis Alberto (últ. linha) MM37 - bacharel
6 Márcia Alves licencianda em Ser-
9 Delfim Neto - país Honório 233 - Figueredo - Honório
19 concerto 223 an
37 Vó Dinha 3 A comente 160 tudo copie-
38 Vó Dinha 3 A comente 164 Honório rido
45 Honório (N.)
46 referências-lhs
48 Dinha / Honório 228 - averiguar
53 Dinha 149-153-162-235 (últ. linha)
54 Honório 154
63 Honório (2 vgs.) 222 2º parágrafo * 103 - averiguar em 2º
70 Honório / país 147 38/39 parágrafo 3
71 Entre parêntesis ... e quanto - Honório 167 - 3º linha
75 # (entra antes de Cain) Honório 169 - 3º linha
77 "Que tinha parisiense" (apenas) 169 mais maduro da 10ª
79 Honório 200 pag. 201 - linha 2º parágrafo
79 Vazio 200 pag. 201 - linha 2º parágrafo
80 Honório país (meio da página) ver outra cópia * 203 - Vou começar ...
83 Natureza 200 pag. 201 - linha 2º parágrafo ... súbita 234 - concertos
86 Honório 40 S de B. p. p. p. - Sáez
94 talo p. p. p. 221 6º linha
105 "O que fez" (meio da página) 221 6º linha
118 tranquiliza (meio da página) 221 6º linha
128 Honório (2 vgs.) país 192 - Financiam
132 General Médico 180 paternidade
109 135 país - 224 - 234 - 233 - 181 Honório
222 repressar (meio da página) 224 - 234 - 233 - 181 Honório

Fonte: Manuscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.

ANEXO K – O amor

O amor para Marina se traduzia em delicadezas. Solavios sussurrados ao ouvido, ternura estampada nos olhos e nas faces, os lábios unidos e separados ao mesmo tempo para guiar, proteger, apertar, oferecer. A dádiva, o par, o gesto. A voz macia, a compreensão. O cuidado constante. Alto se entulca os sentimentos da alma, as sutilezas, o ímpeto, as afinidades, a integração dos seres como águas que se encontram na desembocadura de um rio montoso. Só um amor assim podia suportar a violência e apertar do sexo, na vida íntima da cúpula.

Marina nunca perdoou Bruno por sua vulgaridade grosseira. Falávamos disso muitas vezes nos últimos tempos e entas eu discorria sobre a desilusão do ato sexual em todos os homens e rapazes demandando bem no sentido genérico.

(Ver isto, estudar)
 it. acompanhava o debto. político
 + 51 pdes. concertos.

Shampoo Fleur d'Oranger
 (fr., importado)

① Sentido da vida é maior do q. qualquer dor
 (import. no personaj)

na época de ~~vida~~ na
 inanição espiritual
 e religiosa... destruir
 uma igreja...

Fonte: Manuscrito fotografado do fundo da escritora que está sob a guarda do MAMM.